

Stadium

N.º 139 ★ 1 DE AGOSTO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50

NESTE
NUMERO:

2.ª SEPARATA
A CORES
da série dos
EMBLEMAS
dos CLUBES
DESPORTIVOS



O campeão

FRANCISCO BASTOS

do SPORTING

o corredor de melhor fibra
atlética que existe agora em
Portugal

Comentários finais AO "I CIRCUITO DE OESTE"

O último festival no Lumiar — A Vitória de Lourenço na Bairrada — O Circuito de Moscavide

O ciclismo português atingiu já, através das provas prestadas por determinado núcleo de corredores, uma classe internacional que ninguém ousará contestar. E no que diz respeito a interesse do público e expansão no conjunto dos desportos praticados entre nós, pode altamente afirmar-se que a velocidade é também modalidade de grande relevo.

Nota-se, porém, que entre os homens de primeiro plano e os aspirantes a «ases» existe acentuada diferença na maneira de actuar, na forma de pedalar, correr e montar, diferença que, na maioria dos casos, não está em relação com a classe de cada um. E verifica-se também que até entre os consagrados há alguns com falta de conhecimentos, ausência daquele espírito de iniciativa, resolução pronta, e até intuição — predicados que só por si elevam muitos corredores à categoria de campeões.

Sabemos que semelhantes deficiências técnicas — chamemos-lhe assim — derivam do facto de não haver, no nosso país, por assim dizer, qualquer método de ensino para devaluação dos princípios a que deve obedecer a prática do ciclismo. Em Portugal, salvo duas ou três excepções, não se ensina a correr de bicicleta. Falta, por isso, a «escuela», essa singular particularidade que em França se transmite de geração em geração e que torna possível aos que principiam estarem tão integrados na «mecânica» da bicicleta como entre nós um jovem habitante do Ribatejo o está na arte de capear um novilho, ou um poveiro na maneira de lançar uma rede...

Quem acompanha a disputa do «Circuito de Oeste» pôde comprovar que entre a maneira de correr dos marroquinos — homens que respeitam e se orientam pela escola francesa — e a maioria dos nossos «ases», há acentuada diferença. É fácil também foi verificar que os deslizes, de carácter técnico, de alguns dos nossos primeiros planos quasi contradizem o valor e a classe desses corredores.

Ter presença de espírito

Enquanto Milondy, sempre que «farava», mostrava só a preocupação de reparar ele próprio a avaria no menor tempo possível, sem indagar se o carro de apoio estava ou não perto dele, a maioria dos nossos estradistas principiavam insurgindo-se contra os ocupantes desses carros — como se fossem seus servos... — por não terem pronta outra roda, em seguida lastimavam três vezes a sua pouca sorte — e só depois, perdidos desnecessariamente preciosos momentos, é que se entregavam ao trabalho de reparar a avaria...

No caso de queda, a preocupação dominante de alguns portugueses é a desistência. Os visi-

tantes, sobretudo Mahomed e Djillali, nunca pensaram em abandonar, apesar de terem dado três valentes «estoiros». E Milondy, que desistiu em Coimbra por queda, disse-nos que se não tivesse perdido os sentidos, ou, por outra, se em vez de o meterem no automóvel o montassem na bicicleta, teria chegado ao final da tirada...

Falta de sobriedade na alimentação

Apesar das recomendações, houve quem fizesse tremandos disparates com a alimentação — e até com as bebidas! Gaspar Paulo perde o segundo lugar porque tomou as refeições durante o Circuito como sendo repastos de casamento. E António Jacinto, que na primeira etapa fez prova razoável, «afundou-se» por completo devido a um desarranjo intestinal.

Na estrada, enquanto os marroquinos gargarejavam com o conteúdo dos seus bidões e apenas se borrifavam reciprocamente, a maioria dos nossos corredores insistia em beber grandes quantidades de líquido e vazava pelo corpo verdadeiras «trombas» de água, provocando constantes reacções no organismo, fatigantes e pouco higiénicas.

Conjunto de coisas a melhorar

Houve de facto actuações brilhantes neste Circuito, quer sob o aspecto atlético quer tecnicamente. Mas cremos que poderia fazer-se ainda melhor.

Não gostámos da maneira como Rebêlo pretendia isolar-se a caminho de Pombal, «martelando» à frente do pelotão, com uma longa fila de corredores «colados» e beneficiando do seu reboque. Assim, o sportingista dificilmente conseguirá impor-se desde que tenha atrás de si homens que saibam «colar». Rebêlo terá de substituir a marcha «dura» — que só é eficaz quando existe grande superioridade sobre os adversários, tal como sucedia a Nicolau — pelos ataques movidos de surpresa em arranques bruscos e violentos. Só assim poderá fazer valer, depois de isolado, as suas qualidades de roldador.

Edgardo Lopes terá de adquirir um pouco mais de confiança nos seus recursos, cultivando assim essa facilidade, tão necessária aos atletas, que se chama perseverança. O facto de em ciclismo se estar momentaneamente batido não representa, em muitos casos, a derrota definitiva.

Manuel Pinginhas, que possui excelentes qualidades de lutador, também não pode continuar a ser tão impulsivo a perseguir. Uma pedaleada uniforme é mais proveitosa para recuperar atrasos do que a marcha aos repezões, sempre fatigante e ineficaz.

Por último um conselho ao

loarinhanhense António Maria: arranje máquina adaptável à sua pequena estatura e disponha-se a aprender, mas com vontade, a técnica radimantar de pedalar, pois só assim poderá obter resultados que estejam em relação com o seu excepcional físico.

As últimas provas no Lumiar

Mantendo seqüência nas suas organizações, o trio Sporting-Illuminante-Lisgás promoveu há oito dias mais um festival velocipédico na pista do Lumiar, no qual participaram, além dos mais cotados estradistas nacionais, os componentes da aguerida equipa marroquina.

Desportivamente, e sob o ponto de vista atlético, o festival atingiu nível de certo relevo, sobretudo na prova de perseguição, ganha pela equipa constituída por Driss-Djillali-Mahomed, e na «americana», em que o «dao» Jorge Moreira-Aniceto Branco venceu de maneira brilhante. Verificaram-se lutas de elevado mérito, por vezes emocionantes e de rara beleza espectacular. No

que toca à organização, o festival teve falhas que, aborrecendo por vezes o público, levaram os seus promotores a reconhecer que é necessário interceder junto dos clubes, corredores e até dos elementos que compõem o júri, no sentido de ponderar que o prestígio da modalidade só pode manter-se com muita disciplina, forte dose de boa vontade e muito desejo de recíproca cooperação...

A vitória de Emídio Pereira no campeonato distrital de velocidade foi merecida, pois é muito mais «sprinter» que o adversário com quem lutou na final — o «iluminante» Carlos Miguel.

Onofre Tavares, protótipo de corredor de pista, embora frágil, mas de rara habilidade, venceu o «criterio» de Amadores, e Emídio Pereira, desta vez quasi sem luta, concluiu em primeiro lugar uma prova individual de iniciados.

Lourenço, Rocha, Jorge Pereira e Milondy sofreram apertadas quedas. Exibição apagada de João Rebêlo, sempre pouco à vontade na pista.

João Lourenço vence em Sangalhos, onde Eduardo Lopes ganhou a primeira tirada

Subdividido já em duas etapas, e possuído, por isso, de mais valor desportivo, disputou-se no domingo o «VI Circuito da Bairrada», a importante prova anual

(Continua na página 15)

HIPISMO

Não teremos êste ano o concurso de Vila Franca?

VILA FRANCA DE XIRA — dizia-nos há tempos ama das suas figuras de maior relevo — é a capital do Ribatejo, o coração da lezíria...

Não sabemos até que ponto tem veracidade a afirmação, mas sabemos que Vila Franca tem nas suas predilecções um vinco genuinamente ribatejano.

Entre os seus gostos há, como não poderia deixar de ser, o espectáculo taurino, tão bem demonstrado nas festas do Colete Encarnado, nas esperas de toiros sempre animadas, nas touradas em forma, que levam ali a multidão amante da Festa Brava.

Mas também o hipismo — não fôsse Vila Franca uma terra de campinos — a atraía certo dia com a organização de um Concurso que alcançou bom êxito e que teve a presença-lo, não diremos verdadeira multidão, mas alguns milhares de pessoas, umas da terra, outras idas ali propositadamente para assistir às curiosas provas organizadas e às quais concorreram todos os nossos cavaleiros de nomeada.

O espectáculo agradara sem reservas e de então para cá o Concurso Hípico de Vila Franca faz parte, todos os anos, da agenda hípica.

O do ano passado atingiu, pode dizer-se, extraordinário brilho. Cerca de 70 cavalos — e talvez o certame onde se verificou maior entusiasmo na assistência, que deu largas à sua alegria incitando os favoritos e premiando com fortes aplausos

todos os concorrentes.

Pois êste ano Vila Franca, sem que conheçamos bem o motivo, não fala no seu Concurso, não apresenta o seu programa nem pensa talvez levar por diante uma ideia curiosa — que tinha ainda a valorizá-la um fim benéfico.

Porquê? Qual o motivo de Vila Franca de Xira, a «capital do Ribatejo», não organizar êste ano o Concurso Hípico local?

Não encontramos resposta para estas perguntas, as quais, como nós, já por certo as fizeram aqueles milhares de pessoas que em 1944 encheram todos os lugares do improvisado hipódromo.

Talvez se esteja ainda a tempo. Se os organizadores estudarem o problema, levando por diante uma iniciativa que se impõe, dado o seu fim benéfico e a sua utilidade para o desporto hípico, é possível que vejamos os seus esforços compensados.

Convém não deixar desaparecer o Concurso de Vila Franca, mesmo que tenham de barilar-se determinadas arestas para chegar-se a rápido acordo... O público espera-o e os concorrentes lá irão, por certo, dar-lhe o habitual brilhantismo.

Tudo dependerá de um pouco de trabalho — que o êxito do certame compensará completamente. Mãos à obra, portanto, senhores organizadores do Concurso Hípico de Vila Franca de Xira.

ANTAS TEIXEIRA

O Sporting Clube de Portugal

ganhou os campeonatos nacionais masculinos e femininos

encerrando sem desfalecimentos uma época triunfal

Os campeonatos nacionais de 1945 marcaram condignamente o fecho de uma temporada de competições oficiais que a ninguém pode ter deixado dúvidas sobre os progressos técnicos reais da modalidade.

A ausência da equipa do Académico, que decidiu ficar no Pôrto a fazer companhia ao seu camarada Sampaio Peixoto, impossibilitado de se deslocar por deveres escolares, afectou inegavelmente o êxito da competição, privando-nos da presença de um atleta prestigioso, mas em nada atingiu o significado, o valor desportivo e o entusiasmo das provas.

Resumindo-se quasi ao duelo Sporting-Benfica, os campeonatos mantiveram sempre alerta a expectativa do público numeroso e foram ricos em proezas notáveis e em lutas equilibradas. Se tivermos que extrair uma conclusão dos ensinamentos dos factos, será a contra-prova do celebrado aforismo francês: *les absents ont toujours tort*.

Quando nos referimos ao torneio regional de Lisboa, enalteçamos a equivalência do conjunto de marcas dos vencedores, referindo que pela primeira vez a média ultrapassara os setecentos pontos finlandeses; pois maiores encómios seremos obrigados a conceder agora, já que a média correspondente atingiu 744 pontos.

Seis campeões foram além dos 800 pontos: Manuel Nuncio, nos 100 m. (872); a equipa 4x100 m. do Benfica (866); Alvaro Dias, no salto em comprimento (828); Matos Fernandes, nos 400 m. barreiras (817); João Silva, nos 5000 m. (816 p.); Fernando Ferreira, nos 110 m. barreiras (818 p.).

Apenas seis marcas desceram abaixo dos setecentos pontos: vara (692), martelo (676), 5000 metros (670), estafeta 4x400 m. (669), peso (665) e dardo, habitual prova «lanterna encarnada», 510 pontos.

A organização satisfaz plenamente, cada um dos componentes do júri cumprindo o seu dever, o que eliminou demoras inúteis e intervalos desnecessários; informações abundantes, precisas e imediatas, prendendo, como convém, a atenção dos espectadores. O público ocorreu em quantidade, esteve distraído e com certeza fi-

DE LUTO

D. Delfina dos Santos Monteiro

Faleceu na passada semana a sr.^a D. Delfina dos Santos Monteiro, esposa do nosso prezado companheiro de trabalho Jorge Monteiro.

Sentimos sinceramente a perda sofrida por aquele nosso estimado colaborador, apresentando-lhe as nossas sinceras condolências.

ESGRIMA

Taça Mestre António Martins

A «poule» final da taça «Mestre de Armas António Martins» começou precisamente a disputar-se no momento em que fechávamos a paginação da nossa revista. Nestas circunstâncias, só no próximo número poderemos fornecer aos nossos leitores os habituais comentários.

cou com vontade de voltar; a propagação foi ótima.

Uma elogiosa referência ainda para a marcação e arranjo do terreno; nunca vimos melhor no nosso País.

A equipa do Sporting Clube de Portugal, já vencedora de todos os precedentes torneios em pista—regionais de estreates, principiantes, júniores, seniores e femininos e nacionais de júniores—apropriou-se também das classificações destes nacionais de seniores e femininos, ganhando assim jus ao título de campeão absoluto de 1945, com 64 campeonatos individuais e de estafetas conquistados pelos seus representantes.

O Sport Lisboa e Benfica, o seu grande rival de sempre, defendeu-se melhor do que nos regionais e conseguiu ser vencido apenas por 22 pontos, batendo um «record» nacional e igualando outro.

Para este resultado contribuiu muito a apreciável melhoria de forma de Matos Fernandes e Luis Alcide e o reaparecimento de alguns dos seus melhores elementos, como Guilherme Espírito Santo e Manuel Raposo.

Valores individuais

Manuel Nuncio ganhou com autoridade as corridas de velocidade, creditado duas vezes de 10,9 s. nos 100 metros e de 22,8 s. nos 200 metros. Corredor rapidíssimo, falta-lhe na distância maior o fundo necessário para manter até à meta o andamento inicial; é um caso de preparação insuficiente, comum aos «velocistas» portugueses, que imaginam poderem correr 200 metros apenas com a velocidade natural, quando, em boa verdade é indispensável bastante fundo.

A final dos 100 metros foi empolgante, porque o júri de partida deixou fugir Raposo (foi o seu único deslize), obrigando Nuncio e Paquete a uma perseguição que entusiasmou a assistência.

Tomás Paquete, que já na estafeta nos deixara fortemente impressionados, conseguiu também 10,9 s. e foi rival digno do seu valoroso vencedor.

Nos quatrocentos metros, a luta entre os três primeiros foi arrastante e todos chegaram exaustos; Artur Dias, que se distanciou de Matos Fernandes nos últimos metros e cinquenta metros, resistiu no final, com desesperada energia, ao ataque do adversário e mostrou que, hoje em dia, só Sampaio Peixoto o deve bater. José Vicente deu, aos trezentos metros, com um arranco fulgurante, a impressão que ia ganhar, mas cedeu depois—porque não tem a distância nas pernas. Treino deficiente, porque classe não lhe falta.

Francisco Bastos, o corredor de melhor fibra atlética que existe agora em Portugal, venceu nos 800 e 1.500 metros, como e quando quis; apenas Vicente e Jorge Azevedo pertenderam dar-lhe ré-

plica—mas, quando o campeão embalou para aqueles impressionantes trezentos metros finais, nada puderam fazer senão deixá-lo fugir. Foi de lamentar que o vento, soprando sempre forte, não fôsse favorável a uma tentativa de assalto aos «records» das duas distâncias, que estão perfeitamente ao alcance de Bastos.

Nas provas de fundo, poderemos dizer de João Silva o mesmo que dissemos de Bastos: êle e só êle, quando e como quer. O único adversário susceptível de o acompanhar é Afonso Marques, mas falta-lhe ainda a prática de mais alguns anos para pôr em evidência a sua indiscutível classe.

É curioso o contraste entre o estilo destes dois rapazes: tudo ligeiroza o de Silva, toda força o de Marques, ambos, porém, do melhor que tem pisado pistas portuguesas.

Merece uma referência a corajosa decisão de Galvão Duarte e o desportivismo e energia do veterano campeão Manuel Nogueira, exemplo de modéstia, clubismo e fé.

Nas provas de barreiras, os vencedores obtiveram os melhores resultados da temporada; Fernando Ferreira igualou o «record» nacional dos 110 m., prémio que já de há muito merecia e não conseguiu depois superá-lo porque tanto quer rasar os obstáculos para ganhar tempo que os toca em série com a segunda perna, derrubando-os e acabando por se desunir, como na final lhe sucedera à oitava barreira. Matos Fernandes conseguiu o seu segundo melhor tempo, referência segura de considerável melhoria de forma, e mais teria alcançado se não houvesse perdido o ritmo da passada nos intervalos entre a quarta e a sexta barreiras. Martins Vieira foi em ambas provas excelente segundo; linda carreira, a dêste invulgar atleta.

O saltador Alvaro Dias foi o herói do torneio, logrando ultrapassar, enfim, a marca fatídica dos 7 metros, que há um ano rondava em vão; Dias possui uma chamada possante, que lhe permite grande elevação, mas a corrida é mal regulada e insuficientemente rápida. Corrigidos estes pormenores, o «record» português do salto em comprimento levará novo empurrão.

Montalvão Fernandes, que pouco corrigiu o seu imperfeitíssimo estilo, confirmou o seu título na vara com 3,50 m., ensaiando em vão bater depois o «record» do Norte; Santos Vieira, o único adversário que o podia inquietar, fez uma entorse no pé ao cair numa das tentativas e não pôde prosseguir na prova, deixando o segundo lugar a Martins Vieira, cujas poses actuais não cremos irem além dos limites conseguidos.

No salto em altura, três homens transpuseram 1,75 m. e classificaram-se pelos derrubados anteriores. Ganhou Matos Fernandes, seguido por Elói Costa Pereira e João Du-

raes, mas foi este último o que nos pareceu em melhores condições. Perdeu um ensaio a 1,80 m., porque depois de transposta a barra lhe tocou com o braço esquerdo, consequência de um defeito de estilo que precisa de corrigir.

Elói Pereira tem o estôfo próprio de um grande saltador; o que não conseguirá quando lhe hajam ensinado os elementares princípios técnicos da especialidade!

Luis Alcide venceu o triplo-salto com o seu melhor resultado, derrotando João Vieira por vinte centímetros. Este mostrou falta de poder para o último salto.

O melhor resultado nos lançamentos foi alcançado por Manuel da Silva, com o disco; excelente chicotada final do braço, mas péssima volta no círculo, em completo desequilíbrio. Não se compreende como ainda não se emendou de um erro que todos lhe apontam há mais de dois anos.

O mesmo atleta triunfou no martelo, com as mesmas virtudes e os mesmos defeitos; enquanto não aprender a rodopiar no círculo, ser-lhe-á impossível progredir quanto merecem a sua persistência e entusiasmo.

A prova de peso foi bastante fraca, igual às precedentes da época; desta vez Ruivo bateu Pinto Basto por dois centímetros, mas a sua vitória não significa progresso ou aperfeiçoamento.

O belenense António Rodrigues ganhou a prova do dardo, batendo Tomás de Macedo por mais de um metro; no entanto, nem um nem outro fizeram mais ou melhor do que há muitos anos lhes vemos fazer. Prova pelo contrário... É a prova mais pobre, paupérrima até, do nosso atletismo.

Os campeonatos femininos

Cinco raparigas no terreno é pouco, é muito pouco, para justificar uns campeonatos.

O Belenenses não quis comparecer nas provas, porque a Federação as dividiu em três jornadas, e fez muito mal. Tanto pior, quanto nos campeonatos anteriores as suas atletas participaram em todas as provas, desde os 60 metros ao lançamento do peso (basta consultar os relatos dos nacionais de 1944) e a decisão federativa podia ser orientada pelo desejo de lhe favorecer os hábitos, idênticos aos dos outros clubes praticantes.

Mais um malefício a acrescentar a tantos resultantes das classificações por pontos.

Assim, o Sporting não teve adversário, pois apenas encontrou na frente a almadense Almerinda Correia, que venceu os três lançamentos e somou 30 pontos para o seu clube.

Hedi de Sá e Olga Ribeiro foram as duas figuras dominantes do torneio; a primeira alcançou três títulos e mostrou real habilidade, prometedora para futuro.

SALAZAR CARREIRA

Corrija o seu ESTILO

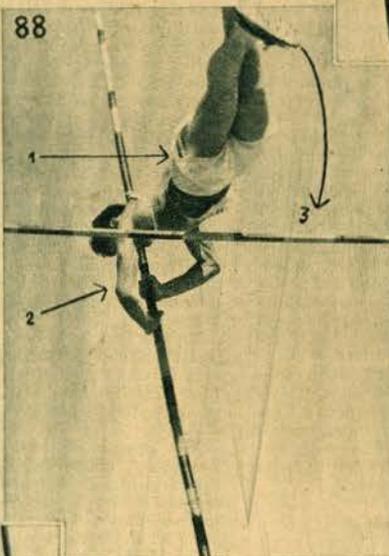
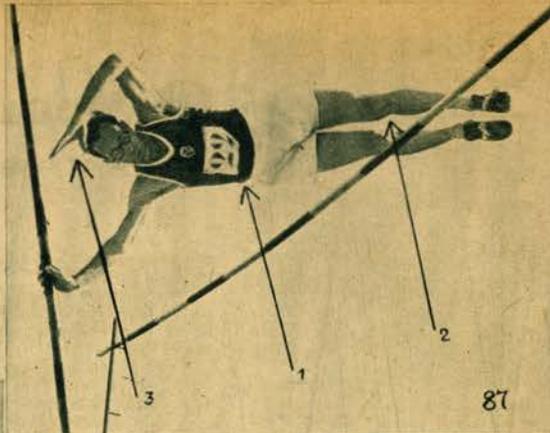
87 — Alvaro Martins
Vieira

1 — O corpo passa de flanco sobre a barra, quando devia encontrar-se de face franca-mente virada para baixo. E' de presumir que a fotografia represente uma tentativa a baixa altura, facilmente transponível para o saltador que, por isso, não cuidou das manobras de passagem; no entanto, mesmo em tal hipótese, há erro técnico, porque o estilo deve ser sempre idêntico em todos os ensaios.

A posição do corpo quer dizer que o golpe de tesoura das pernas foi incompleto.

2 — As pernas estão no prolongamento do tronco, quando deviam estar já inclinadas para o solo, executada a flexão anterior das coxas sobre a bacia, que dá ao corpo a clássica posição em assento circunflexo.

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes



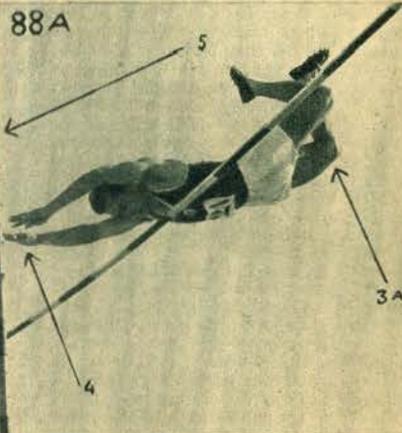
2 — Os braços não se estenderam, prejudicando a elevação do corpo; como disse em referência ao caso anterior, parece não ter havido necessidade de maiores apuros para vencer a altura da barra, mas é mau sistema, este, de transpor incorrectamente as alturas fáceis.

3 — As pernas também não baixaram para levar o corpo do saltador à flexão angular; poder-se-ia admitir que a flexão estivesse ainda por fazer, por não estar terminada a fase de elevação, mas na fase seguinte...

3-A — ...verifica-se que as pernas foram atiradas ao contrário, para cima e para trás...

4 — ...e as mãos foram soltas simultaneamente, embora no bom momento, aquêlo em que — segundo a regra devia libertar-se a segunda mão, a de cima.

5 — Note-se a boa posição da vara, quasi vertical no momento de ser repelida. Aproveitou-se portanto todo o impulso da mesma vara.



3 — A mão esquerda, inferior no apoio na vara, libertou-se em primeiro lugar, como mandam as regras, e o braço direito estendeu-se por completo, elevando mais ainda o corpo. O apoio na vara é sproveitado até ao fim do movimento ascensional.

88 — Júlio Santos Vieiro, campeão de Lisboa

1 — A elevação do corpo sobre os braços foi insuficiente; o eixo do tronco está quasi perpendicular à vara, quando deveria estar em incidência muito mais próxima da vertical. A rotação do corpo foi bastante para o voltar de frente para a barra, mas...

89 — ALVARO DIAS

Esta fotografia pode subtítular-se: com não se deve saltar à vara. Só tem de conforme o não haver derrube da barra.

1 — As mãos, que deviam ter-se unido, ficaram separadas no apoio na vara.

2 — O corpo todo está de flanco para a barra (ausência de golpe de tesoura das pernas para a viragem); o movimento pendular foi insuficiente, visto o saltador estar ainda pendurado pelos braços, quando devia estar em apoio sobre as mãos.



3 — A posição das pernas é paradoxal; os joelhos estão em posição trocada, pois o direito devia ter sido lançado para trás e o esquerdo para diante.

Com a posição aqui adoptada, o saltador perde, em relação a uma atitude correcta correspondente, pelo menos meio metro.

S. LAZAR CARREIRA

TORNEIO INTERNACIONAL DE TIRO AOS POMBOS DO ESTORIL



O Sr. Joaquim Cardim recebe a Taça do Grande Desporto de Coimbra do Sr. Amador Vilares que o abraça

Nuno Infante, vencedor do Campeonato do Estoril

ro A. Sabalão, vencedor da Taça C. M. do Cascalis

Horácio Macos, vencedor da Taça de Honra

A equipa castelhana, vencedora do Portugal-Espanha

D. João Raina, vencedor da Taça de Turismo

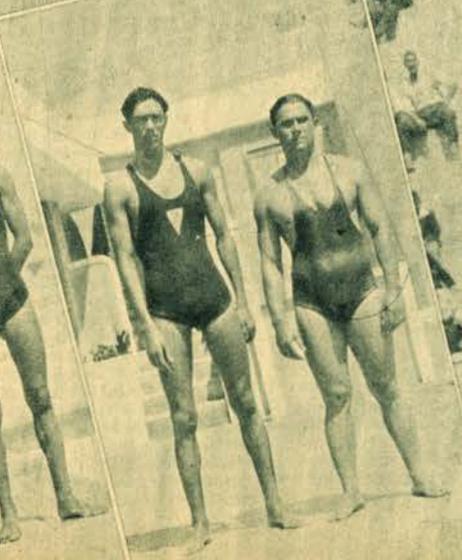
A equipa de honra, vencedora da Taça dos Vencedores



Na Última Jornada dos Campeonatos Regionais de Natação



1 - Maria de Lourdes Teixeira Mendes ao concluir a prova dos 100 metros borcos principiantes, da qual saiu vencedora;
 2 - A equipa do S. A. D. que triunfou nos 4x200 livres;
 3 - A equipa do Estoril que bateu o recorde dos 4x200 juniores;
 4 - Baptista Pereira e Diogo Santos, vencedores dos 400 livres seniores e juniores, respectivamente; 5 - Jerónimo Simão, novo recordman dos 200 livres principiantes.



As próximas regatas em Vigo e Marin

O desporto da vela em Portugal atravessa uma fase magnífica de desenvolvimento. Este aspecto, que já tem sido apontado nestas colunas, está-se acentuando. O Tejo, especialmente aos domingos, apresenta-nos belo movimento de velas, vogando sob o comando de desportistas que estão a dar provas excelentes da sua competência e conhecimentos nesta modalidade desportiva.

A campanha iniciada com entusiasmo no sentido de despertar nos portugueses o gosto pelos desportos náuticos, teve o melhor êxito. É de salientar, sobretudo, a presença da juventude, entregando-se com alegria e interesse ao desporto da vela, como também não pôde esquecer-se o bellissimo trabalho despendido pelos Serviços Náuticos da Mocidade Portuguesa, contribuindo principalmente para o desenvolvimento deste desporto. Essa sua acção, bem secundada pela Associação Desportiva da Brigada Naval, e merecendo dos nossos clubes náuticos dedicado apoio e entusiasmo, triunfou.

Neste momento, quando se prepara uma selecção de velejadores para irem disputar regatas em Vigo e Marin, atinge-se, com êxito notável, o fim dessa campanha. Seguir-se-á agora o movimento deste desporto, mantendo-se em actividade todos os centros de vela e em provas e campeonatos os nossos velejadores, com a certeza de que aumentará o número dos desportistas náuticos.

Não se esqueçam também nomes que ficam ligados a esta campanha, figuras a quem se deve em grande parte os bons resultados conseguidos. Destacam-se entre outros os senhores comandantes Soares de Oliveira, Henrique Tenreiro, Gerónimo Leite e Alfredo Soares de Oliveira, Rodolfo Fragoso e um outro elemento que tem desempenhado papel de relêvo junto da gente nova que se tem lançado, por intermédio da Mocidade Portuguesa, neste rumo ao mar: José Barata, conhecido desportista e que nos Serviços Náuticos tem exercido acção entusiasta e competente, tanto no Centro de vela de Lisboa como na Escola de Marinharia do patriótico organismo.

Podemos, pois, considerar o desporto de vela em plena expansão — e dispondo de elementos que honrosamente podem representar-nos em regatas internacionais. As próximas provas em Vigo e Marin vão, por certo, confirmar esses valores e ficarão a assinalar este período

Herulano de Moura

Este nosso prezado amigo e antigo correspondente em Coimbra encontra-se quasi completamente restabelecido da sua prolongada enfermidade. Regozijamo-nos com o facto e apresentamos-lhe os nossos cumprimentos.

de ressurgimento de um desporto que está admiravelmente nas tradições dos portugueses.

A selecção dos velejadores para as regatas em Espanha foi feita após diversas regatas de preparação. Durante elas, os nossos velejadores puseram à prova todas as suas faculdades.

Há ainda que pôr em loco a forma como se adaptaram à nova classe de barcos introduzida este ano entre nós: os «snipes». É uma embarcação em que os espanhóis são fortes navegadores, mas, a avallar pelas provas prestadas pelos velejadores portugueses, deve ser honrosa a nossa comparação junto dos «snipes» do país vizinho.

Nas provas de «sharpies» 12.mz, os espanhóis, porque não têm esta classe de barcos, utilizarão barcos portugueses.

Ao todo, deslocam-se a Espanha 62 pessoas, entre dirigentes e velejadores, acompanhados pelo sr. dr. Ayala Boto, inspector de desportos, em representação do sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro.

São 35 as embarcações que enviamos às regatas. Estas começam a disputar-se no próximo dia 5 e nelas estarão representados: Mocidade Portuguesa, Associação Desportiva da Brigada Naval, Associação Naval de Lisboa, Clube dos Cadetes da Armada, Clube Naval Barreirense, Clube Naval de Cascais e a frota de «Andorinhas» do Pôrto.

A representação da Mocidade Portuguesa é a mais numerosa — a garantir a vanguarda dos velejadores portugueses. Nomes de prestígio na vela, e outros, como os irmãos Bastori, Duarte Belo e Fernando Belo, e os irmãos Pessoa e Rodrigo Barradas e Braz de Oliveira, que, embora correndo por outros calbes, são também produto das escolas de vela da Mocidade.

F. S.

XADREZ

O Campeonato Inter-Clubes e a vitória do G. X. do Estoril

O campeonato de Xadrez Inter-Clubes de Lisboa teve êxito invulgar. A vitória pertenceu de novo à briosa equipa do G. X. do Estoril, constituída pelos fortes xadrezistas João de Moura e dr. Mario Machado, ex-campeões nacionais, Ronald Silly, veterano da 1.ª categoria e hoje Mestre da F. P. X., e Nandin de Carvalho, campeão da Categoria de honra.

A «ponta» final, habitual nesta prova, mantendo interesse sempre crescente, foi travada contra a forte equipa do Belenenses, igualmente bem constituída. Os campeões levaram a melhor — e com merecimento, porque foi de facto o conjunto que marcou maior personalidade. Faltou aos «azuis» a força de vontade necessária para triunfar nesse derradeiro duelo,

DUAS NOTAS POR SEMANA

EM PORTUGAL

Apresentam-se-nos às vezes factos cujo paradoxal antagonismo é evidente, e, no entanto, tomam-nos de momento como expressão exacta da realidade. Ninguém levanta reparo imediato; depois, porém, com o girar do tempo, a reflexão interpõe-se, surgem confrontos e ficamos exaltados com a inocência que nos levou a aceitar a versão primitiva de acontecimentos impossíveis, como se fora a expressão da mais elemental verdade. Vamos mostrar um destes casos.

Na corrida de 2000 metros disputada há dez dias na pista do Lumiar, e na qual Francisco Bastos estabeleceu novo «record» nacional, foram anunciados os tempos de 5 m. 47,6 s. para o vencedor e de 5 m. 48,7 s. para João Silva, o seu valoroso adversário, que, no entanto, fora largamente batido na última volta, entrando na meta bastante distanciado: quinze a vinte metros, segundo os nossos cálculos; dezasseis metros pela avaliação do nosso colega «A Bola», único jornal onde encontramos uma referência mais precisa.

Temos, sendo assim, que João Silva percorreu os últimos 15 metros de seu percurso em 1,1 s., velocidade que até hoje nunca fora atingida em pista alguma do mundo por qualquer dos mais afamados campeões de velocidade.

O andamento de 1,1 s. para 15 metros corresponde a 60 metros em 4,4 s. e a 100 metros em 7,3 s.; em confronto, o andamento do famoso Jesse Owens, quando estabeleceu o seu «record» dos 100 metros em 10,2 s., corresponde à média de 1,53 s. por cada 15 metros!

Que grande cronometrista o que tomou o tempo de João Silva!

NO ESTRANGEIRO

Foi em Abril passado que se celebraram os campeonatos de atletismo da América do Sul, data que não pode ser considerada precoce porque — em relação ao nosso país — sofre o desconto correspondente à diferença de hemisfério e de latitude.

As provas foram bastante competidas e ofereceram alguns resultados excelentes, testemunho do grande desenvolvimento que a modalidade está assumindo nos países de raça ibérica de além-Atlântico.

Eis, para estudo dos interessados, as marcas dos diversos vencedores: 100 e 200 m., Bento de Assis (Brasil) em 10,5 s e 21,3 s.; 400 m., Ehlers (Chile), 49 s.; 800 m., A. Silva (Brasil), 1 m. 53,3 s.; 1500 m., Yokota (Chile), 4 m. 51,1 s.; 5000 e 10000 m. Raul Ibarra (Argentina), em 15 m. 0,4 s. e 31 m. 52,6 s.; 110 m. barreiras, Ramirez (Uruguai), 14,7 s.; 400 m. barreiras, Varela (Argentina), 55,3 s.; altura, Ascune (Uruguai), 1,90 m.; comprimento, Bento de Assis (Brasil), 7,09 m.; vara, Melo (Brasil), 3,90; triplo, Oliveira (Brasil), 14,42 m.; péso e disco, Malchiodi (Argentina), com 14,69 m. e 44,17 m.; dardo, Coccaro (Uruguai), 57,08 m.; martelo, Tusse (Argentina), 48,33 m.; decalco Recordon (Chile), 6388 p.; 4x100 m. e 4x400 m., Brasil, em 41,9 s. e 3 m. 16,5 s.

Destes resultados ficam constituindo novos «records» sul-americanos os dos 800 metros, dos 110 m. barreiras e das duas estafetas; a maioria dos restantes fica muito próxima dos máximos precedentes, o que levou a generalidade da critica a considerar o torneio deste ano como dos melhores de sempre e o mais seguro indício de progresso técnico em todas as nações concorrentes.

elementos, com excepção de Russell, foram a causa dos seus maus resultados.

O Técnico teve, uma vez mais, representação condigna, não obstante as repetidas baixas que a equipa tem sofrido. Deu sempre boa luta, mas foi traída pela heterogeneidade dos seus elementos.

De salientar, como prova, os bons resultados com as equipas mais cotadas, a par das dificuldades perante outras de igual ou menor força. Freitas foi o sustentáculo da equipa — e o melhor jogador da prova, atendendo à categoria dos elementos que defrontou.

A equipa do Clube dos Caçadores teve comportamento modesto em relação às exhibições anteriores. O começo foi promissor, mas fraquejou a partir do meio da prova.

A luta pela fuga do último posto foi mais renhida do que a princípio se supôs. O Instituto Britânico marcou de começo mais personalidade, mas nas sessões

(Continua na página 15)

O CAMPEONATO DE LISBOA

de segundas categorias, na modalidade do quadro 45/2

terminou com a vitória do dr. F. Branquinho

A última partida do campeonato de Lisboa, no quadro 45 a 2 golpes, entre os drs. Francisco Branquinho e Lourenço Gago, teve o cenário próprio de uma final. José Alabern e Alfredo Ferraz quiseram distinguir os dois jogadores com a sua arbitragem, na qual se revezaram, recebendo um e outro significativos aplausos do numeroso público.

A partida, dentro da feição técnica diversa que os dois antagonistas lhe imprimiram, teve excelentes momentos de condução. O dr. Branquinho empregou-se em ritmo de igualdade, patenteado em nível de rendimento perfeito. O dr. Gago, por arrancos, depois de um começo desastrado, que chegou a erguer a perspectiva de uma catástrofe... O primeiro forçando o jogo, o segundo *reduzindo-o*... A dureza e a *souplesse* em contraste, sem que isto queira dizer exclusão de golpes subtils para aquêle, nem renúncia aos golpes em força para o último. Trata-se do tom ou linha geral que os dois jogadores dão às suas exhibições. O dr. Branquinho é um bilharista que obriga as esferas a entregarem-se; o dr. Gago, ao invés, procura captar a sua boa vontade... Em ambos os casos, o jogador domina — apenas o processo de dominar é diferente. Se fôssemos bola de bilhar, preferíamos o segundo. Sempre gostámos mais das boas maneiras...

A sério: os dois finalistas, em suas características sensivelmente diferentes, valendo um pela regularidade e o outro pelas sú-

bitas e extensas réplicas, defrontaram-se de igual para igual, com lealdade e nobreza dignas de elogio. Venceu o dr. Branquinho, por 8 carambolas. A sua vitória final e global foi justa a muitos títulos — e não impediu que as enormes possibilidades do vencido, as quais fazem dele uma revelação na *mesa grande*, recebessem confirmação brilhante e convincente numa série de 90, que é qualquer coisa com significado muito especial. É de lembrar que já noutro encontro alcançara 96 — e é também dever de imparcialidade referir que o vencedor produziu, numa partida anterior, duas séries de 50 e 69.

À margem dos números que materializaram o resultado do duelo final, êste teve os verdadeiros motivos da emoção funda com que foi seguido pela assistência, nos estados emocionais opostos por que passaram os dois jogadores e mais de uma vez modificados em relação a cada um deles. A confiança, a esperança e o receio aninharam-se transitóriamente no espírito de ambos, exercendo a sua influência. Os aspectos psicológicos da luta sobrelevaram em interesse os es-

pectos práticos delas, dramatizando o despieque.

A classificação final do torneio ficou como segue:

	V.	D.	P.	Maior série	Média geral
Branquinho	8	—	24	69	8,108
L. Gago	7	1	22	96	7,207
A. Alinho	6	2	20	44	6,156
S. Azancot	5	3	18	29	5,372
F. Carvalho	4	3	15	54	4,138
R. e Sousa	3	5	14	80	3,806

Como se verifica do quadro acima, o dr. Francisco Branquinho é o actual campeão lisboense do *quadro pequeno*, em 2.^{as} categorias, e o detentor da melhor média geral, que constitui o índice mais claro da classe de qualquer bilharista. O sub-campeão é o dr. Lourenço Gago, detentor ao mesmo tempo da maior série, podíamos dizer das maiores séries, facto que vale como indicação de facultades na verdade excepcionais, a prenunciarem um futuro brilhante.

O campeão anterior, em *livre*, seleccionou um jogador de 1.^a categoria: Alfredo Alinho. Se não tivesse produzido mais do que isso, já teria dado o bastante para marcar um valioso êxito. O que terminou, ao quadro 45/2, não qualificou nenhum bilharista além da categoria em jogo, mas nem por isso deixou de terminar com resultado a reputar de notável — pois revelou a existência de elementos com excelentes aptidões específicas para o cultivo da modalidade. Os dois primeiros classificados confirmaram a classe na média geral, com respectivamente 8,108 e 7,207. O mais importante, contudo, é que ambos hajam recolhido da competição indicações aliciadoras para continuarem na prática do *quadro*, procurando através da sua própria intuição o que lhes não pode dar a escola, inexistente entre nós. Já dissemos que os nossos *ases* do bilhar têm de ser autodidactas. A inspiração e disposição congénita para o jogo são os únicos elementos de formação de jogadores no nosso País. João Pereira é bem, como bilharista, o exemplo típico do «self made man». «Catch as catch can» eis a divisa que resume todos os tratados e institutos de bilhar que possuímos...

Uma nota a focar: a fraca actualização de Alfredo Alinho no *quadro*, onde não chegou a atingir o mínimo da média geral internacional, revelando dêsse modo uma impressionante desproporção de forças no 45/2 e na *livre*. O facto deve-se a não praticar o jogador a modalidade, o que constitui falha grave em quem conquistou já lugar na primeira fileira dos nossos *ases* do *taco*, sabido como é ser a *livre* subsidiária de todas as cambiantes de jogo.

Possuída completamente a técnica da *Rainha*, o jogador detêr um poder tanto maior de produção quanto mais rica fôr a sua gama de recursos na carambola larga e nas chamadas de amplitude, dado que são êles os elementos que lhe facultam: a) a reposição ou

emenda breve na série; b) a rápida colocação das esferas na faixa de rolamento; c) a possibilidade de manter-se em jogo aberto, quando o braço se mostra rebelde à cadência da *americana* ou a má sorte teima em *lorcer* as bolas. O sucesso do *seriador* está ligado à sua maior ou menor possibilidade de soldar as séries com os golpes intermediários.

Salvador Azancot, não tendo podido efectuar a partida que porventura lhe daria viabilidade à melhor média particular, viu-se impedido de fazer subir a média geral, objectivo máximo de todo o concorrente. Cremos já ter dito algures que nos pareceu menos interessado neste torneio do que no anterior, sendo certo, ainda, que não se encontrava, no momento, nas melhores condições físicas para jogar.

Flávio de Carvalho, praticante incipiente do bilhar de *match* e que a certa altura se lastimou de o haverem feito subir demais, elevando-o à 2.^a categoria, por convicto, certamente, de vir a ser o pirilampo do pelotão, mostrou afinal notáveis qualidades para o *quadro*, logrando concluir sem enjorar a travessia do mar largo e difícil da *mesa grande*. Deficiências, imperfeições e falta de conhecimentos? Quem as não tivera, logo ao começo!... O certo é que para um novio libertar-se da lanterna vermelha é já coisa para reivindicar como um êxito.

David Reis e Sousa, neste torneio como no anterior, acusou a sua longa ausência das actividades bilharísticas — e o bilhar não perdoa a quem o esquece... A fortuna também não o amparou...

A competição terminou com verdade, já que levou à final, sem derrotas, os dois concorrentes de mais forte pulso para dominar as dificuldades inerentes ao *quadro*, fazendo do mais devotado o campeão e do seu antagonista um perigoso *challenger*.

Oferece interesse a nota que segue, por indicar as médias particulares dos concorrentes que foram até ao fim da prova e as suas *tacadas* de maior rendimento.

Dr. Branquinho — *médias particulares*: 9,375-7,142-6,250-11,538-8,108; *maior série em cada partida*: 42-49-32-69-31.

Dr. L. Gago — *m. p.*: 6,122-8,333-8,108-6,250-7,891; *m. s.*: 96-46-36-32-90.

Alfredo Alinho — *m. p.*: 6,250-7,142-4,208-6,153-7,317; *m. s.*: 44-43-25-27-30.

S. Azancot — *m. p.*: 8,823-4-4,666-4,675; *m. s.*: 29-17-25-18.

F. Carvalho — *m. p.*: 4,781-3,489-4,109-4,463; *m. s.*: 25-34-34-22.

David R. e Sousa — *m. p.*: 4,411-4,062-4,428-3,833-2,986; *m. s.*: 50-24-18-20-21.

Na apreciação destes números não se aparte o leitor da ideia de que se referem ao jogo do *quadro*.

JOÃO MARIA

Um «rink» de patinagem

vai ser construído em MOSCAVIDE por iniciativa da Junta de Freguesia

A progressiva vila de Moscavide está a dois passos de Lisboa. O movimento desportivo tem atingido algo de importância, mercê de dedicações muito para louvar e que devem ser acarinhas.

Compreendendo as responsabilidades da sua missão e aproveitando uma dádiva de terreno feita pela família Patacão, pensa a respectiva Junta de Freguesia construir um «rink» de patinagem, a par de esplanada e recintos destinados a logradouro público, uma vez que em Moscavide nada existe no género.

Resolvemos ouvir o presidente da Junta sobre o melhoramento, que traz já em alvorço quantos residem na localidade e que ao desporto dedicam a sua atenção.

Exposta a razão da nossa visita, logo o sr. Benjamim Ferraz de Melo deixa transparecer o interesse que a iniciativa lhe merece:

— É verdade... Tanto eu como os meus colaboradores, srs. José Martins Júnior e Manuel Santos Pires, estamos animados do mesmo entusiasmo em levar avante o nosso programa, tendente a embelezar o Parque Dr. João Patacão e fazendo construir ali um «rink» de patinagem, com um pequeno «bar», onde a mocidade se entretenha e possa desenvolver-se fisicamente, evitando a frequência de lugares nem sempre aconselháveis, em pura perda para si e para a comunidade. Isto significa que, a par do agradável, também não

desprezaremos o útil, pois tentamos organizar tudo de forma a auferirmos também alguma receita.

— Quanto a axílios? — Nada está assente em definitivo. No entanto, sei que não faltarão bons axílios, já manifestados por intermédio de todas as classes sociais, empenhadas em concorrer para o progresso de Moscavide.



BENJAMIM F. DE MELO

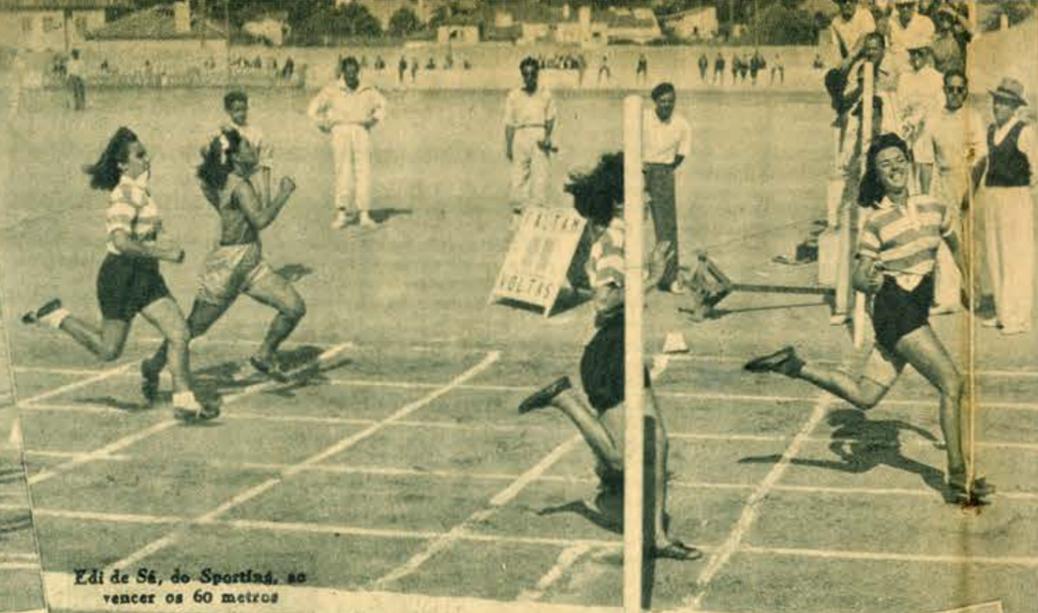
oferta do Desportivo dos Olivais e de um seu associado, sr. Sebastião Venceslau Próspero, desenhador da Câmara Municipal de Lisboa. Contamos mais com o apoio do Atlético de Moscavide, da sociedade de recreio local e centro da «Mocidade Portuguesa» — afinal de quasi toda a população, principalmente da juventude.

— Quanto ao concheio a que Moscavide pertence?

— Esperamos que Loares se interessará directamente pelo

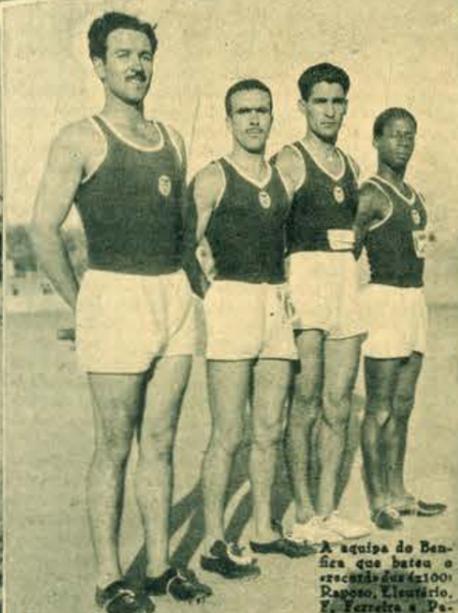
(Continua na página 15)

passado dos 4x100.
nho na prova dos 4x100.
Eleutério vai fazer a entre-
ga a Raposo



NOS CAMPEONATOS NACIONAIS de Atletismo o SPORTING levou a melhor com o BENFICA

Edi de Sá, do Sporting, ao vencer os 60 metros



As quatro garbosas representantes do Sporting: Olga Ribeiro, Edi de Sá, Deolinda Mexon e Maria Fernanda

A equipa do Benfica que bateu o recorde dos 4x100 Raposo, Eleutério, F. Ferreira e Paquette

Manuel Nuado, do Sporting, triunfa nos 100 metros



Olga Ribeiro, do Sporting, nos 80 metros barreiras



Manuel da Silva, do Sporting, campeão do disco e martelo



A equipa do Sporting dos 4x400: Alvaro Dias, Artur Dias, Francisco Bastos e José Vicente



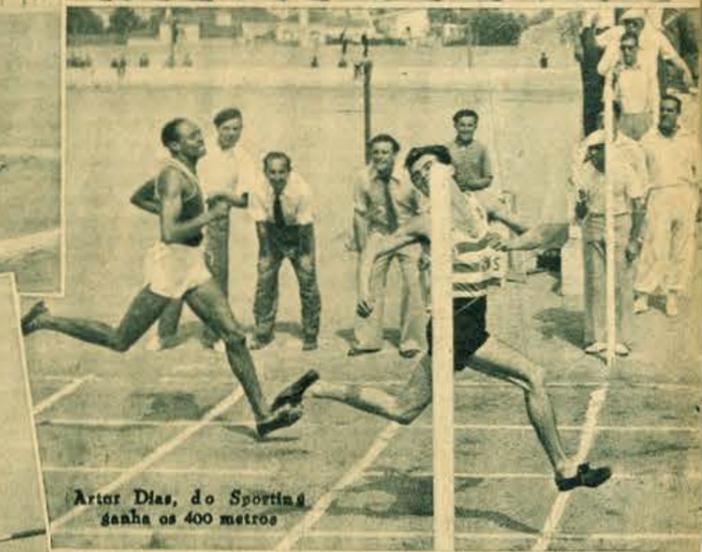
Alvaro Dias, do Sporting, novo «recorde-man» do salto em comprimento



Almerinda Correia, do Almadense, campeã nacional do peso e dardo



Montalvão Fernandes do Visorosa, campeão do salto à vara



Artur Dias, do Sporting ganha os 400 metros



Lutz Alcide, do Benfica, vencedor no triplo salto



Emídio Ruivo, do Sporting, mais uma vez campeão do peso

MOSAICOS nortenhos...

♦ GOMES DA COSTA está a ganhar votos, no inquérito de Stadium. Claro — entre os desportistas do Pôrto, que o estimam muito. O simpático jogador do F. C. do Pôrto, se fosse constante nos treinos e nos jogos — não teria rivais. Trata-se de um desportista sério, que joga porque joga, sem precisar de ser incorrecto, sem um castigo, uma violência, uma ou outra altitude menos educada.

He quem não possa imitá-lo sem réclamo. Gomes da Costa é um puritano. Gosta do futebol. Naturalmente. Mas goste muito mais da sua disciplina. Domina-a. Sem custos graves, sem abusar... do físico. Gomes da Costa nunca precisou de «meter um guarda-réde pela baliza dentro» ou de saltar sobre um defesa com altitudes indelicadas. Haverá melhor, neste particular? É uma «questão»... para concurso.

♦ A CIDADE DO PÔRTO sustentou o seu ponto de vista nesta questão de mais um ou menos um no campeonato nacional de futebol. O público portuense — que pena não ser considerado! — mantém-se com indiferença. As vezes — sorri...

«Ao fim e ao cabo, até gostará da «experiência» que pretendem impingir-lhe. Um ano mais — e todo o mundo lhe dará razão!»

♦ IMPÉRIO SANTOS, simpático ciclista que o F. C. do Pôrto criou para o Salgueiros, está quasi livre das complicações de um desastre que há tempos lhe sucedeu. Voltará às provas este ano? Oxalá. O Norte precisa de todos os valores. Para que o acreditem, pelo menos...

♦ O CICLISMO PORTUENSE onde pára? — Em Lisboa, graças ao F. C. do Pôrto, com Aniceto — o mestre da equipa — Fernando Moreira e Dias Santos. No Pôrto — sem os azues-brancos na pista — o Lima continua triste e silencioso... Quando será reconhecida esta verdade?

♦ CATOLINO, popularíssimo extremo esquerdo do F. C. do Pôrto, é um «internacional» sem pasta. Ninguém discute o «caso», a menos que o queiram fazer propositadamente. O rapaz pratica remo, no fluvial. É um atleta. Tem sido assediado por vários clubes — mas... como é nortenho 100%, antes quer dedicar-se, a brincar ou muito a sério, às modalidades da sua terra. Não quis imitar muitos outros...

♦ PEIXOTO, jogador de «basket» que pertenceu ao Campo de Ourique e jogou um ano, este último, pelo F. C. do Pôrto, regressou a Lisboa, ao seu velho clube, por motivos de ordem profissional. Os azues e brancos tiveram pena. Despediram-se do lisboeta com saudade. Era um bom desportista. Ofereceram-lhe, por isso, um distintivo de ouro e brilhantes. Admirável. Lindo gesto — que não será esquecido.

O desporto, o clubismo — que admirável coisa quando os sabem interpretar!

HANDBALL

Notas e comentários

A última assembléa geral da associação regional portuense serviu para evidenciar — e de forma a não merecer reticências — um saldo positivo da actividade financeira da A. H. P.

Na realidade, depois de pouco mais de uma época de agitação directiva, com mil ataques e com perseguições de tóda a espécie, é sempre interessante focar episódios como este. Nunca a Associação de «Handball» apresentou tão desafiadora situação, tendo contribuído para obtenção de tal património, em equilíbrio directivo e sensata aplicação de verbas, o seu tesoureiro, Rogério Antunes. A sua acção dentro do «handball» portuense é um brilhante exemplo, digno de ser seguido.

♦ Não pode uma empresa de ordem puramente desportiva, que é caracterizada pela ausência da preocupação de lucro, capitalizar os saldos das épocas desportivas. Com bom tato administrativo, deve procurar, pelas vantagens financeiras que o Desporto provoca, aplicar as reservas no desenvolvimento da modalidade.

Neste campo há muito a fazer. É um absurdo as entidades dirigentes concentrarem a sua acção apenas na realização dos torneios obrigatórios pelos regulamentos. Esquecem outros deveres, igualmente importantes. Logo que a situação financeira permite, urge a realização de jornadas de propaganda fora da cidade.

Naturalmente, deve ter-se o máximo escrupulo na representação. Cremos que não é com «festas», «passeios» e «comilivas» que essas jornadas se tornam produtivas. Melhor que jogos inter-mistos, sempre com carácter demasiado amigável (logo, sem interesse), devem fazer-se disputar jogos a contar para os campeonatos, como há anos se fez em Ovar, entre o Boavista e o Vigorosa, para o campeonato do Pôrto. Mas não só de 1.ª Divisão. Um Leça-Leixões, em Braga, seria tão agradavelmente apreciado como um Salgueiros-Desportivo, em Viana do Castelo.

Mas há mais. Já se pensou em atribuir prémios aos jogadores e clubes que, pela sua acção disciplinar, mereçam louvores?

Porque não permitir a inscrição gratuita aos novos clubes, e seus jogadores, durante a próxima época?

♦ Insísimos... Continua sem solução o caso da sede própria de A. H. P. Embora há meses prometida, o «handball», com incremento notável de secretaria, continua em situação humilhante de favor.

A aplicação de parte da receita dos jogos na instalação da sua sede seria uma das medidas mais úteis.

O «handball» nortenho tem sofrido — e sofrerá — deserções importantes, devido a um caso humanamente razoável. Citamos o exemplo mais recente: a saída do actual tesoureiro da associação.

Não faz sentido que dos corpos

CONFIANÇA no atletismo nortenho

RECEBEMOS o seguinte telegrama: Na maré alta de ressurgimento do atletismo nortenho, para o qual muito contribuiu a eficiente acção dessa revista, a A. P. A., em representação dos clubes que em Amarante disputam o primeiro torneio de propagação de principiantes, saúda V. e agradece o seu prestimoso auxílio — Teodomiro Argente, presidente.

Na medida do possível temos de facto contribuído para a expansão segura do atletismo nortenho. Um longo período de fraco interesse parecia subverter um passado brilhante, mas verificamos agora com agrado que se reagiu a tempo.

O atletismo portuense não atingiu ainda aquela posição de relevo que o consagrou nos tempos de José e Fernando Praia de Lima, António Júlio Dias, Acácio Mesquita, Mário Duarte, Manuel de Oliveira, Alfredo Carvalho, Adolfo Brito, Alberto Ferreira, Arnaldo Sousa, Lima Marques e muitos outros, mas conseguirá por certo impor-se definitivamente no futuro.

Vã-se que a Associação Portuense trabalha com a melhor confiança, ajudada pela decidida vontade dos seus principais filiados. O F. C. do Pôrto, o Académico, o Vigorosa, o Salgueiros — e também o Amarante e o Académico de Braga, acompanham o seu movimento. E o público também. Nas últimas jornadas do campeonato regional encheram-se as bancadas do Lima — sintoma de um progresso digno de ser louvado.

Oxalá o Pôrto continue. A sua presença nas competições nacionais faz falta. Lisboa, por si só, não poderá elevar o atletismo tanto como é preciso. Assim, com a valorização dos portuenses ou nortenhos, criar-se-á naturalmente outro espírito de luta — sempre tão saudável quando bem compreendido.

Confiamos no esforço da «Ap». E agradecemos o telegrama amigo. A nossa revista continuará no mesmo caminho de bem servir — e muito nos agrada que alguma coisa possa fazer em favor do desporto nacional. Para isso vive.

gerentes de uma associação regional, aos quais se exige imparcialidade e bom desempenho directivo, se queira, igualmente, esforço de natureza burocrática.

Já não basta a resolução das mais delicadas causas, cuja influência perturba a própria vida dos directores, como ainda se lhes exige o trabalho de simples funcionários de secretaria.

Hoje, o «handball» tem um movimento que justifica a admissão de pessoal para o expediente. Longe vai o tempo em que se transportavam as balizas e os jogos eram feitos sem policiamento, com entradas livres.

Tudo se modificou; portanto, quando a uma individualidade se pede concurso como director, não queira exigir-se-lhe, também, o papel de funcionário. Há que distinguir...

LUÍS MARCOLINO

PORTUENSES.
ASSINEM A «STADIUM»

TENNIS DE MESA — Distribuição de prémios



A Associação Portuense de Tennis de Mesa procedeu à distribuição dos seus prémios, sob a presidência do sr. Mário de Carvalho, que se vê a entregar a J. Meireles, do Académico, o seu troféu de campeão individual.

De oito
em oito dias

Stadium na província

Novos cavaleiros

Os pequenos cavaleiros do Centro Especializado de Hipismo da «Mocidade Portuguesa» tiveram a sua festa no hipódromo do Centro Hípico do Pórtio, a qual decorreu com verdadeiro brilhantismo.

Os juvenis cavaleiros mostraram qualidades que deixam vislumbrar, para daqui a alguns anos, a esperança de se enriquecer a lista dos cavaleiros portugueses com mais êstes nomes que a «Mocidade» prepara.

Há nêles garbo e decidida vocação para esta arte difícil. A selectíssima assistência ovacionou calorosamente, e sem favor, as proezas dos jovens desportistas.

Bostaria...

Com o defeso no futebol, comecem os bostas, qual dêles mais «estapufúrdio»... A boca pequena comentem-se certas atitudes de alguns jogadores mais em evidência — e o capítulo das «famosas trans-jerências» continua na ordem do dia.

Vierem há dias segredar-nos uma novidade: a de que um conhecido guarda-rêdes, que foi muito falado no final da época passada, havia «desaparecido» do Pórtio, regressando a «penales», segundo uns, procurando novos horizontes, segundo outros.

Vimo-lo poucos dias antes de nos darem a notícia... e nunca mais o encontramos... Entretanto, não nos parece que o gesto seja motivo para alarame. O futuro o dirá...

Sem comentários...

Dá-se como certo o facto de o F. C. Pórtio efectuar obras no seu actual campo de jogos — o velho terreno de Constituição. Fala-se até na instalação de uma pista desmontável para ciclismo. Isto além de outras coisas mais...

Se assim é, tal facto é de mau sintoma, quando ao lido proclamado parque de jogos nas Antas. Pelo menos quer dizer que o assunto «dormirá» por mais algum tempo. Ou tratar-se-á de simples medida de carácter precário?

No entanto, a notícia deve ter causado efervescência no meio dos associados do nosso campeão, lido fácil de «ferver» por tudo e por nada...

Os campeões juniores de «basketball» vão ser homenageados

Está constituída uma comissão de sócios do Vasco da Gama que se propõe levar a efeito uma homenagem aos campeões nacionais juniores de «basketball», que, pela segunda vez, arrebateram o título máximo para o seu clube.

Tal cerimónia é digna de realce e merecedora de todo o aplauso. De facto, os pequenos vascos souberam dispor da força de ânimo suficiente para vencer todos os obstáculos...

Congratulamo-nos com o desejo da comissão promotora da festa, expressando também a nossa simpatia por lido excelente conjunto de novos, promessa futura de um grupo ainda mais homogêneo e de técnica mais apurada que a dos actuais seniores do Vasco da Gama.

É oportuno lembrar o esforço de madeirenses e açorianos...

DA Madeira — todos o sabem — vieram para o continente alguns dos melhores jogadores de futebol. Artur de Sousa, Carlos Pereira, Abelhinha, Jôia, Reynolds, Rogério e muitos outros são o testemunho evidente do bom trabalho dos clubes da «épola do Atlântico». Além disso, o Clube Sport Marítimo foi campeão de Portugal e o Nacional e o União conseguiram impor-se, no seu distrito e fora d'êle. A Madeira já internacionalizou alguns dos seus jogadores. Logo... olhemos para o futebol do Funchal!

E como? Normalizando, tanto quanto possível, a preparação dos seus atletas. Do futebol à gymnástica.

A Madeira ainda há pouco nos demonstrou que pretende melhorar. O conhecido técnico de arbitragens, José Travassos, que por lá se tem conservado a ensinar o muito que sabe e a dirigir a criação de núcleos orientadores, é agora seu convidado — e pode afirmar-se que a ideia foi feliz. Travassos tem-se esforçado por cumprir.

Mas não chega. A Madeira conquistou direitos e merece por isso ser compensada. Várias dificuldades surgiram nos últimos anos e o futebol ilhéu não pôde estar presente nas provas nacionais. Certo. Todavia, como se pretende, no actual momento, estabelecer novas directrizes, parece natural que não se esqueça a Madeira. E os Açores — que já nos enviaram Teixeira.

No campeonato nacional, possivelmente, será difícil. No entanto, em qualquer outra prova, gostaríamos os continentais de ver e de aplaudir os desportistas da nossa linda e invejada ilha.

Aqui deixamos a sugestão. O futebol português precisa de todos os elementos bons. Se repararmos cuidadosamente no esforço de todos, por certo se verificará que das nossas ilhas, como dos Açores e das nossas Áfricas, nos chegaram atletas de valor. Ligar uns e outros ao progresso continental, talvez não seja de todo mal visto.

Com um pouco mais de trabalho e de simpatia, por parte de quem orienta, talvez possam concorrer a várias modalidades, no continente, os esforçados atletas ilhéus e até açorianos.

Vamos tentar?

As últimas provas de remo

(Continuação da página anterior)

dedes da vida forçam a treino constante, com todo o tempo e com lódes as águas.

Perece, pois, que há certa discrepância neste caso: se Aveiro e Caminha podem apresentar «profissionais» nas suas turmas de remo, qual a razão por que no Pórtio não se faz o mesmo?

Somos contrários à licença para que êsses homens do mar, os inscritos marilhos, possam tomar parte em provas de amadores, visto que essa medida tira todo o brilho e interesse às competições, porquanto os portuenses entram nelas já moralmente vencidos.

Mas se a entidade competente não tem disposições que regulem este pormenor, ou se, tendo-as, elas não se cumprem, achamos que, acima de todo o interesse e desejo de amadorismo no remo, está o bom nome da cidade, que é assim, incontestavelmente, colocada num grau de inferioridade permanente em lódes as provas nacionais.

Ainda no último dia de provas aqui realizado se viu êsse facto. O Fluvial, por exemplo, tomou a cabeça na prova principal e na que contava para o apuramento do nosso representante às provas nacionais na Figueira, mas os de Aveiro, em remoads certas e potentes, igualaram e venceram a diferença, num à vontade que diz tudo sobre a sua preparação — que não é a mesma de quem tem a sua vida e só treina nas horas de ócio.

Quere-nos, pois, parecer que isto não está bem assim.

Notas e novidades que interessam à província

ANADIA — Bernardo, antigo guarda-rêdes do clube local e ultimamente no F. C. do Pórtio, deve ingressar novamente no Anadia. — O campo de jogos desta vila carece de grande arranjo. O clube, modesto, não pode suportar os encargos da sua conservação, mas deve aguardar-se que alguma coisa se faça nesse sentido.

ESTOMBAR — O Clube de Futebol «Os Estombarenses», fundado há 7 anos, tem-se dedicado com muito empenho ao desporto e à educação cívica dos seus associados. Mantém uma biblioteca e uma escola com 50 alunos. Todavia, o modesto agrupamento vive em situação difícil, por falta de recursos, constando por isso que se dissolverá.

Por intermédio da *Stadium* apelamos para as entidades oficiais e especialmente para o sr. Director Geral de Desportos — a quem algumas colectividades congêneres devem já admirável assistência.

Os desportistas desta localidade ficar-lhe-iam por certo muito agradecidos se fosse evitada a dissolução do popular agrupamento.

FAMALICÃO — Sabemos de fonte autorizada que o F. C. de Famalicão convidou Petrack, jogador do Estoril Praia, a enfileirar no seu grupo de honra, como jogador e treinador. O afastamento de Szabo justifica o convite feito a Petrack, um elemento popular no Norte, desde que fez parte do F. C. do Pórtio.

O F. C. DE FAMALICÃO é dos mais progressivos agrupamentos do Norte

OF. C. de Famalicão já, os primeiros passos. Pouco firmes, ao princípio, mas com excelente espírito de luta. No seu campo exibiram-se as melhores equipas do Norte, quando o simpático agrupamento pertencia ainda às Divisões secundárias da A. F. Braga, e nunca o público deixou de corresponder aos seus «propósitos de enfileirar ao lado dos melhores. Isso conseguiu. Actualmente, o F. C. Famalicão acompanha, em valor, os mais destacados agrupamentos do campeonato de Braga.

Mas os famalicenses não pretendem ficar por aqui. Tudo se prepara, êste ano, para que o F. C. Famalicão conquiste o justo prémio do seu esforço. Braga, Guimarães e Barcelos, centros onde o futebol minhoto está desenvolvido, — provocam o estímulo do F. C. Famalicão.

Por isso, a ideia de prosperar cada vez mais. Para o progressivo clube minhoto vão entrar alguns elementos novos. E como o valor da sua equipa foi firmado já no decurso de várias competições, pode aguardar-se que na próxima época apresente conjunto ainda mais capaz.

Famalicão pode afirmar-se um bom centro desportivo. A poucos passos do Pórtio, de Braga, de Viana, de Vila Real e de Guimarães, seria interessante que contribuisse em absoluto, definitivamente, mesmo, para a expansão de todas as modalidades.

No futebol, já se sabe que o clube tem admiráveis possibilidades. Mas em atletismo não lhe custaria, por certo, seguir o exemplo de Braga e de Amarante.

Depois — o «basket», o «handball», a gymnástica... Porque não o «handball»? Só Lisboa e Pórtio o praticam em larga escala — em Coimbra não se passou de uma tentativa. Famalicão, Braga, Guimarães, Barcelos e Fafe, possuindo campos de futebol, contribuiriam para a sua propaganda e por certo lhe não faltaria o auxílio do público.

mento de Szabo justifica o convite feito a Petrack, um elemento popular no Norte, desde que fez parte do F. C. do Pórtio.

Petrack ainda não respondeu, porém, ao convite do clube local. **MONTEMOR-O-NOVO** — Vai ser construído nesta vila um recinto de patinagem, devido à iniciativa do Grupo União Sport.

Também o simpático clube desta localidade começou a dedicar-se à gymnástica, sob a direcção do sr. António Jesus Vieira.

Vai igualmente assistir-se a um torneio de «basket», entre sócios do União.

SINTRA — Causou justificado entusiasmo a notícia de que a selecção de «hockey» em patins da Suíça jogaria em Sintra. Vão preparar-se festas neste concelho.

Assine a **STADIUM**

Stadium

SUBSÍDIOS para a HISTÓRIA do PUGILISMO em PORTUGAL

COORDENAÇÃO DE *Rui Barradas*

VII

pre na brecha...) efectuava com ele uma demonstração em 3 assaltos, durante os quais foi nitidamente dominado.

Dada a enorme diferença de pesos, perto de 15 quilos, a favor do pugilista norte-americano, era lógico que o seu vigor anulasse por completo as investidas do amador português.

Entretanto, sucedeu que a empresa exploradora do Estádio preparou um combate entre Mac Closkey e o conhecido lutador Manuel Loureiro (Grilo). Mais habituado aos golpes da greco-romana do que às fintas e aos socos, possuía muito embora, certos conhecimentos de boxe e de *ju-jitsu*, além de temperamento combativo excelente, que o tornavam adversário sério.

O combate entre Grilo e Mac Closkey travou-se a 25 de Julho e foi sempre favorável ao segundo. A técnica do americano anulava as tentativas esforçadas do português e ao 5.º assalto o árbitro, Francisco Xavier de Araújo, contava os dez segundos fatais sobre Manuel Loureiro ensanguinado e fatigadíssimo.

Depois deste combate e por via das dificuldades em obter adversários à altura do mérito de Mac Closkey, passaram-se os meses de verão sem quaisquer manifestações públicas de boxe.

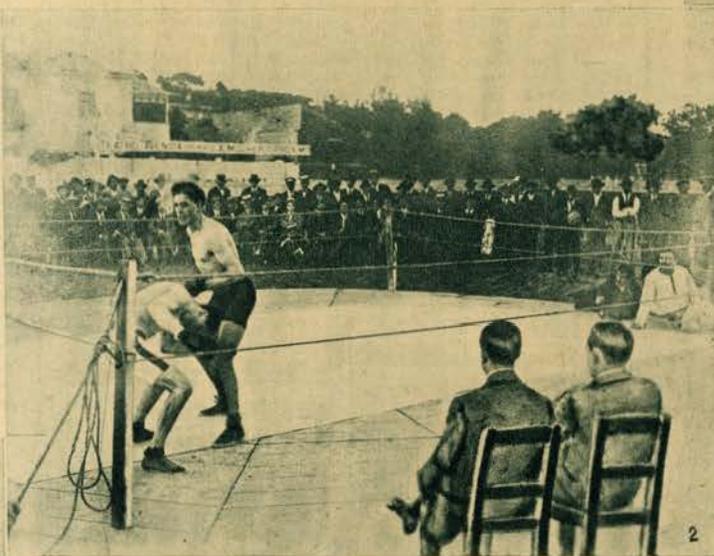
A 28 de Novembro de 1915, porém, a Federação Portuguesa de Boxe (muito adormecida e paralizada quanto à sua actividade própria...) autorizou o combate entre Basílio e Silva Ruivo.

Era a terceira vez que ambos punham à prova as suas qualidades, muito embora Basílio se encontrasse destreinadíssimo. Tratava-se de um festival a favor do hercules açoreano João de Azevedo e a generosidade de Ruivo e de Basílio era fácil e pronta.

O combate travou-se na sede do Clube dos Flamengos, na rua da Glória, pelas 21 horas do dia 28 de Novembro. Arbitrou, muito bem, Brum da Silveira, o bem conhecido odontologista lisboeta e amador, que praticara o boxe nos Estados- Unidos.

Desde o princípio, o combate foi extremamente violento e áspero. Basílio, sabendo-se destreinado, entrou a fundo, mas Silva Ruivo foi admirável de combatividade e encaixe, ganhando as suas «esporas de ouro». No primeiro assalto procurou e conseguiu jogar de perto, aplicando alguns golpes duros e duas séries rápidas. Durante o 2.º assalto a luta seguiu com igual intensidade e, ao terminar, ambos se achavam extenuados ao máximo.

Basílio, findos os 6 assaltos de 2 minutos que constituíam a prova, foi



proclamado vencedor por pontos, mas esforçou-se imenso para tal conseguir.

Nessa época, o Ginásio Clube Português contratou Mac Closkey para professor da sua classe de boxe, que dirigiu por alguns meses.

O seu aluno mais apto e potente era António Cardoso, presentemente inspector de Desportos, que se lembrou de reatar Basílio para disputar do título de campeão de Portugal de todas as categorias.

Cardoso venceu o preto Oscar da Silva e agüentara bem as investidas de Tobias e de Mac Closkey. Propunha que o match durasse apenas seis assaltos.

Travou-se rija polémica nos jornais a «Capital» e «Século da Noite», porque Basílio impunha outras condições. Por fim e ao cabo, fixou-se a data em 25 de Dezembro. O match teria 4 rounds de dois minutos e as luvas seriam de 4 onças. Basílio replicou e propôs 12 assaltos de 3 minutos. Entretanto adoeceu com certa gravidade e o combate transferiu-se para 9 de Janeiro de 1916 — sem nunca ter chegado a efectuar-se.

Não lamentamos o facto porque Cardoso tinha 80 quilos e Basílio 64. Com tal desproporção o carácter desportivo do match era nulo e a vitória de um ou de outro nada podia representar.

O ano de 1916 nada teve de especial. Foi uma quadra morta para o boxe. Apenas, lá para Novembro, passou por Portugal, de regresso de Cuba, o ex-campeão Jack Johnson.

Chegou a Lisboa no dia 17 e hospedou-se no Avenida Palace. À sua enorme culpância e a fama dos seus combates impressionara o público.

Entrevistado pela imprensa, fez algumas declarações orgulhosas e destituídas de bom senso. Entre outras coisas, disse o seguinte:

«Eu sou negro mas a minha raça é a raça eleito! O americano persegue-me estupidamente. Na origem dos tempos os homens foram negros. A Bíblia assim o confirma, pois todas as grandes figuras do Antigo Testamento eram negras. Uma delas cometeu certo pecado e a doença da lepra tornou-as brancas. O Rei Salomão e a Rainha de Sabá eram negros. Eu sou descendente deles!»

Por este pedaço de prosa se vê que o famoso preto considerava os brancos leprosos, guardando para si a prosápia de descender de Salomão!...

Na noite de 18 de Novembro Johnson exibiu-se no Coliseu dos Recreios. O sarau principiou com a passagem de «filmes» desportivos, um deles o combate entre Carpentier e Jeff Smith.

Depois, cerca das 22 horas, o enorme atleta de ébano entrou no «ring», armado a meio da arena. Acompanhava-o o sobrinho, Gus Rhodes, com quem se exibiu em 3 assaltos. Repetiu a exibição com Blink Mac Closkey e trabalhou no *punching ball* e *medicine ball*, impressionando fortemente o público (e o autor destes subsídios, que presenciou avidamente o trabalho do negro).

(Continua)

1 — Manuel Loureiro (Grilo), na época em que jogou contra Closkey; 2 — Fase do combate Ruivo — Armengol, no desarmado do campo das Larenjeiras, em 1916. Ruivo está de calções pretos; 3 — Blink Mac Closkey, o pugilista americano que perdeu no seu combate em Lisboa de 1915 a 1916

EM BRAGA
VAI
CONSTRUIR-SE
UM
ESTÁDIO

Stadium na PROVINCIA



“BRAGA vai ter um Estádio” — é o que se afirma em todo o Minho. E o entusiasmo, naturalmente justificado, não deixa de manifestar-se nos centros mais concorridos da cidade capital da liada Província.

O caso não é para menos. Braga gosta do desporto — e especialmente do futebol. Um dos seus clubes, o Sporting de camisola encarnada, antigo campeão distrital, já demonstrou a sua capacidade, em tempos idos, e parece agora disposto a reconquistar novamente o seu esquecido prestígio.

Alberto Augusto, que representou o popular clube na selecção nacional, volta a treinar as suas equipas, e pode esperar-se que o seu trabalho mereça inteira aprovação.

Além do futebol, entretanto, Braga tem capacidade para se impôr no atletismo, «basket», «hockey» e ciclismo.

Em todas as modalidades, afinal. Já nos forneceu campeões de atletismo; já possuiu boas equipas de «basket»; e no automobilismo, por exemplo, revelou ao país os irmãos Sameiros.

Braga é bem um centro desportivo. Merece possuir o Estádio — e esse breve deixará de ser sonho. Vai constituir uma realidade!

A sua instalação não interessa apenas à cidade dos Arcebispos. Agrada a todo o Minho, a todo o Norte, mesmo. Valoriza-se a província, que bem o merece.

O Estádio Provincial ficará instalado nos mesmos terrenos do campo da Ponte, sítio aprazível, a dois passos do centro da cidade. Segundo o projecto, terá campos de futebol (um relvado e outro de treinos), pistas de atletismo e de ciclismo, campos de «basket» e de «volley», campo hípico, «courts» de «tennis», «rink» de patinagem, salões para a prática do pugilismo, esgrima, «tennis» de mesa, ginástica, piscina...

Uma pequena maravilha, sem dúvida alguma. O actual terreno ficará para treinos de futebol e jogos de pouca importância. Ao lado — o campo de basket. O relvado, junto do campo que existe, comportará 25.000 espectadores, todos sentados — 6.000 em bancada coberta. À sua volta, uma boa pista de ciclismo e 6 pistas de atletismo. No topo sul, novo campo de «basket» e outros desportos.

A piscina vai ter dimensões olímpicas e bancada para 1.500 espectadores.

Em cima: A planta do Estádio Provincial de Braga, que dá ideia da grandiosidade da obra.
Em baixo: O «team» de honra do Sporting Clube de Braga.

Dois ginásios — sendo um coberto. O «rink» de patinagem e os dois «courts» de «tennis», também devem ter bancadas. Além dos campos destinados à prática do desporto, o Estádio Provincial contará ainda dois restaurantes, casa para correio, gabinetes para a imprensa, etc.

Pelo que se vê, ao desporto bracarense, ou, melhor dizendo, ao desporto minhoto, vai ser dado impulso admirável. Por certo se imitará o seu exemplo. Braga conta com a tenacidade e dedicação dos desportistas mas também com o auxílio das entidades oficiais.

O desporto local vai lucrar muitíssimo com as novas instalações, mas especialmente o Sporting Clube de Braga. O clube mais representativo da cidade, encarregado por certo da exploração desportiva do projectado parque de jogos, não deixará de elevar a sua terra e de se impôr ao lado dos melhores agrupamentos nacionais. Isso pretendem aqueles que oferecem ao desporto o melhor da sua energia. O Estádio Provincial de Braga, cuja construção está para breve dar outra vida à Educação Física minhota e norteña. Bem hajam aqueles que procuraram proporcionar tão agradável regalia aos atletas e aos habitantes de uma cidade laboriosa e de nobres tradições. — B. C.



BARCELÓS: 1 — O grupo de honra do Clube Desportivo de Barcelinhos com o seu novo equipamento. BELAS: 2 — O Clube Desportivo de Belas, em organização, desenvolve já actividade de relvado. A fotografia representa um grupo de componentes da equipa feminina de ginástica.



O INTERNACIONAL

vencedor da eliminatória da zona sul disputa hoje na Cúria a final do Campeonato de Portugal

O «tennis» lisboeta, em grande actividade desde há dois meses, esteve até sábado passado todo «entregue» ao apuramento do vencedor da eliminatória da zona Sul, do campeonato de Portugal, inter-clubes, de 2.ª categoria.

A mais importante competição de equipas que se efectua no nosso país continua a despertar justificado interesse dos clubes que praticam a modalidade. Este ano, a prova, pelo que respeita à zona Sul, revestiu-se de grande animação. Embora só seis clubes se tivessem inscrito, foram nove as equipas que disputaram a primazia de ir à Cúria defrontar o vencedor da zona Norte. Concretizando: Sporting C. P. inscreveu três equipas; Clube Internacional de Futebol, duas; Estoril P. T., Clube Internacional de Tennis, C. T. de Oeiras e I. S. Técnico, uma cada, sendo o grupo dos futuros engenheiros o detentor do título e do respectivo troféu, a magnífica taça «Rodrigo de Castro Pereira».

Com estas nove equipas concorrentes tornou-se necessário efectuar oito encontros para se apurar o representante do «tennis» lisboeta na final da Cúria.

O caprichoso sorteio colocou a um lado as quatro equipas melhor apetrechadas e a outro as cinco de menores possibilidades. E, desta maneira, a competição ficou destinada a uma série de lutas de maior equilíbrio.

Os resultados dos encontros da primeira fase da prova foram os seguintes: C. I. F. (B) — C. I. Tennis, 5-2; Sporting (B) — Sporting (C), 5-0; C. I. F. (A) — Estoril, 4-1; e Sporting (A) — Técnico, 3-2.

Desta vez não se pode dizer que os resultados não se ajustem ao desenrolar das pagnas. Não houve surpresas...

Em relação ao primeiro dos citados encontros deve assinalar-se o reaparecimento da equipa do C. I. Tennis, a confirmar o ressurgimento do clube. Com um sorteio mais de feição, o «team» da rua Rodrigues Sampaio deveria ter maior permanência na prova. Que bem a merecia, para compensação do esforço dos dirigentes. A melhor referência que pode dispensar-se ao grupo vencedor é dizer-se que era constituído por jogadores de 3.ª categoria e reforçado pelo jogador marquês de Mendia.

A luta entre as duas equipas

O SOL NAS PRAIAS

Durante a época balnear, a natação encerra o maior prazer para os frequentadores das nossas excelentes praias. Após o vivificante e completo desporto, o repouso na areia, sob um bom toldo, é agradávelíssimo — principalmente se se dispuser de um dos óptimos toldos da Fábrica Portuguesa de Encerados, cujas casas, na rua do Vale de Santo António, 71 e 73, e no Cais de Santarém, 66 — telefones 24085 e 24086, atendem prontamente todos os pedidos do género — uma das suas especialidades.

«leoninas» não teve interesse nem podia ter, dada a formação dos grupos. Um encontro ressaltante dos caprichos dos dirigentes do «tennis» «leonino»... Se as competições valem tanto mais quanto maior é o valor dos contendores, a presença do «team» C do Sporting não servia para valorizar o torneio.

A equipa A do C. I. F. patenteou, mais claramente do que se previa, a sua superioridade sobre os estorilenses, ao mesmo tempo que desfez a impressão de que nos «courts» do Estoril as pagnas são mais difíceis para os visitantes do que em quaisquer outros.

E, finalmente, o encontro Sporting (A)-Técnico. Sem José da Silva, agora jogador de 1.ª categoria, a equipa dos futuros engenheiros vale menos do que em 1944 — ou não houvesse sido ele quem dea ao Técnico o título de campeão. E os «leões» tanto se convenceram disso que não passaram todo o cuidado na formação da sua equipa para este encontro. Ia-lhes saindo cara a excessiva confiança, pois as vitórias dos «leões» no primeiro «singular» e no primeiro «par» não foram, para toda a gente, convincentes.

Na segunda metade da competição verificaram-se os seguintes resultados:

C. I. F. (B) — C. T. Oeiras, 4-1; C. I. F. (A) — Sporting (A), 5-2; Sporting (B) — C. I. F. (B), 4-1; e C. I. F. (A) — Sporting (B), 5-0.

Da simples indicação dos resultados ressalta, imediatamente, a superioridade do Internacional e do Sporting. Com efeito, nas duas meias-finais e na final só

Os torneios nacionais de remo

começam a disputar-se amanhã no belo estuário do Mondego

O desporto do remo vai ter uma jornada de grande interesse e propaganda; os campeonatos nacionais, que se disputam na Figueira da Foz, de amanhã até domingo próximo.

Ao interesse desportivo que as provas representam junta-se o facto destes campeonatos servirem para seleccionar os novos representantes ao campeonato ibérico, que em 25 e 26 de Agosto vai disputar-se em Viana do Castelo.

Estas duas jornadas magníficas do remo português firmam-se como o resultado bellissimo do grande interesse que a Federação do Remo tem dedicado à modalidade.

Foi merecê desses esforços que foram atribuídos ao organismo dirigente facilidades e subsídios que permitiram levar a efeito, da melhor forma, as duas grandes provas — na Figueira da Foz e em Viana do Castelo.

A Figueira da Foz, em situação especial, com o belo estuário Mondego, acarinhou a realização dos campeonatos com grande entusiasmo. Coube ao Gimnásio

figuraram equipas dos dois clubes.

O primeiro destes quatro encontros teve pouco interesse. A equipa do Oeiras, sem o concurso de Mário Meunier e só com Luís Santos em evidência, não ofereceu réplica ao C. I. F. (B).

O encontro entre as duas equipas principais do Sporting e Internacional pode considerar-se a verdadeira final da Eliminatória de Lisboa. A luta revestiu-se de grande expectativa e forneceu espectáculo da maior emoção. Os «leões», com vantagem nítida nos «singulares», chegaram a ter 2-0; depois, essa vantagem foi anulada pela superioridade do C. I. F. nos «pares-homens». E veio o «misto» para decidir o pleito. A excelente exibição de Azevedo Gomes ditou a vitória do C. I. F.

Depois, novo encontro entre gente do Sporting e do C. I. F. — desta vez as segundas equipas. Os «leões» levaram a melhor — e até por um resultado mais nítido do que poderia sapor-se. Verdade seja que aos vencidos faltou o par Afonso Costa-Hewibrant.

E para confirmar o ditado de que «não há dois sem três», a final colocou ainda frente a frente equipas dos dois clubes. Como toda a gente esperava, o Internacional venceu — e bem, acrescentando-se. A equipa obteve o seu resultado mais expressivo e o mérito do triunfo é tanto mais de assinalar quanto é certo que os «leões» tiveram comportamento que excedeu as previsões mais optimistas.

D. D.

Campeonatos da Cúria

Promovidos pelo Cúria Palace Sports Clube, começam hoje nos «courts» da Cúria os campeonatos anuais desta estância de turismo. Além dos melhores nomes do «tennis» nacional, entre os quais o do campeão José Roquete, concorrem o italiano Romanoni e os espanhóis Masip, Bartroli e Sosona.

Campeonatos regionais

Na terceira jornada melhoraram-se cinco «records»

A segunda jornada dos campeonatos regionais manteve as mesmas características da primeira — quanto a distribuição de títulos e quanto a proezas individuais. O Estoril-Pracia desfrutou da mesma superioridade que na primeira ronda, conquistando sete das doze provas disputadas. Individualmente, Ana Linheiro e Hety Heyman colheram os melhores louros.

Joaquim Baptista Pereira colecionou mais um título, o dos 200 metros-livres, prova onde evidenciou as suas qualidades habituais, e onde bateu bem Mira Gomes, em 2 m. 34 s.

Artur Mendes Silva, sem se empregar grandemente, triunfou na outra prova reservada a seniores — os 100 metros-costas — em 1 m. 23 s.

O estorilense Belmiro Santos — sem dúvida o junior mais em evidência — averbou novo título, o dos 200 metros-livres, com indiscutível superioridade, ainda que em tempo fraco: 5 m. 47,4 s.

Fernão de Ornelas Cisneiros foi o outro campeão junior da noite. Venceu nos 100 metros-costas (1 m. 27 s.), prova em que mereceu referência a luta travada entre Carlos Matias (1 m. 29 s.) e Belmiro Santos (1 m. 29,4 s.).

Para a turma de principiantes do Alge, que cobriu os 4x100 metros livres (Armando Rodrigues, Manuel Morais, Artur Malheiro e Guilherme Patrone), o louvor merecido da crítica. Correram com entusiasmo e brilhantismo e fixaram em 4 m. 47,9 s. o novo «record» da prova.

Ainda entre os principiantes, Nuno Barreto, vencedor dos 100 metros-costas (1 m. 25,1 s.), conseguiu na sua prova, como se vê, melhor resultado que os juniores.

João Franco do Vale — a mais recente revelação do S. A. D. — de novo confirmou as suas belas qualidades, ganhando os 100 metros-livres, iniciados, no belo tempo 1 m. 14,5 s. Hety Heyman voltou a brilhar a grande altura, correndo os 200 metros-bruços em 3 m. 32,3 s., melhor que o «record» nacional, pertença de Silvana Vieira Alves, e creditando-se, nos 200 metros-livres, com outra marca de incontestável valor — 2 m. 51 s.

E com uma referência a Ana Linheiro pode fechar-se com chave de ouro... A gentil belemnense averbou mais um triunfo — e melhorou outro «record». Desta vez foi o dos 100 metros-costas, que fez baixar de 1 m. 35 s. para 1 m. 33,9 s.

A terceira jornada

A terceira e última jornada dos campeonatos regionais foi fértil em resultados de valor. Ao fim e ao cabo, melhoraram-se cinco «records», o que não pode deixar de ser pósto no merecido relevo.

Joaquim Baptista Pereira averbou o seu terceiro título — o dos 400 metros-livres, seniores, em 5 m. 32 s. 1/10. A prova mais emocionante de seniores foi, no en-

Qual o melhor jogador de futebol da época de 1944/1945

FRANCISCO FERREIRA é por enquanto o detentor da taça oferecida pela STADIUM, mas PEYROTEO opõe ao benfiquista a sua grande popularidade

MANTEM-SE o entusiasmo dos nossos leitores pela nossa iniciativa de premiar, consoante a sua opinião, o melhor jogador de futebol na última época. Recebemos grande número de votos de todos os pontos do País, sobressaindo a rivalidade entre adeptos do Sporting e do Benfica, que até neste campo travam duelo entusiástico.

ATENÇÃO: Continuamos a receber os postais com os votos dos nossos leitores até o próximo sábado, dia 4, data em que encerraremos este inquérito. Isto significa que no próximo número da STADIUM já se saberá quem conquistou o «troféu de popularidade»...

Resultado do último apuramento:

Francisco Ferreira 1.429 votos	Catolino 5 votos
Peyroteo 1.393 »	Gaspar Pinto 5 »
Gomes da Costa... 539 »	Rogério França... 2 »
Azevedo 418 »	João Tavares..... 2 »
Feliciano 152 »	Arsénio 2 »
Manuel Marques... 115 »	António Maria ... 2 »
Espirito Santo... 89 »	Barrosa 2 »
Cabrita 67 »	Valongo 2 »
Cardoso 66 »	Jalinho 2 »
Rafael 54 »	Francisco Rodrig.. 1 »
Quaresma 45 »	Barrigana..... 1 »
Alberto Gomes... 37 »	Carado 1 »
Pingo 35 »	João da Cruz..... 1 »
Jesus Correia... 34 »	Oliveira Vieira... 1 »
Amaro 25 »	Peixoto 1 »
Albano 21 »	José Maria 1 »
Romão 13 »	Sbarra 1 »
Manuel Montez... 12 »	Mário Reis 1 »
Capela 9 »	Nunes 1 »
Rosa 6 »	

As nossas separatas

Como dissemos, neste número da STADIUM incluímos a segunda separata da série dos EMBLEMAS DOS CLUBES DESPORTIVOS PORTUGUESES.

Em preparação, além das tricromias anunciadas com as fotografias do «TEAM» DO SPORTING, vencedor da «Taça de Portugal», e da EQUIPA DO BELENENSES, que conquistou a vitória nos principais torneios de «basketball» desta temporada, a curiosa série da «BIBLIOTECA DA STADIUM».

tanto, a estafeta de 4x200 metros-livres, onde a turma do Algés obteve triunfo meritório. De facto, Bessone Basto, José Manuel Correia, Francisco Alves e Oscar Cabral deram o melhor do seu esforço e obtiveram, em 11 m. 4 s., uma vitória interessante — e talvez um tanto inesperada.

Os juniores corriam as mesmas provas. Belmiro Santos esteve, de novo, em evidência, com uma bela corrida nos 400 metros, em 5 m. 50,5 s., e colaborando, com grande eficácia, na queda do «record» dos 4x200 metros-livres, que a turma estorilense colocou em 11 m. 16,4 s.

Eduardo Câmara e Sousa, após boa luta com José Manuel Mântua, foi o vencedor dos 100 metros-bruços, principiantes, no tempo regular de 1 m. 27,7 s. A grande figura, entre os principiantes, foi, no entanto, o excelente Jeremias Simão, que baixou de 2 m. 44 s., para 2 m. 33 s., o «record» dos 200 metros-livres.

Outro «record», e de muito valor, o de João Franco do Vale, nos 100 metros-costas iniciados, que o habilidoso nadador do Algés fixou em 1 m. 20,6 s.

Entre as senhoras, Hety Heyman Ana Linheiro e Lucília Angeja estiveram de novo em grande evidência. A estorilense, correndo os 400 metros-livres em 5 m. 9 s.; a belenense, apossando-se de mais um «record», o dos 200 metros-livres, senhoras juniores, que fixou em 3 m. 16,2 s.; e a nadadora do

Um homem com a barba por fazer

Que feio! Tão pouco elegante! Diremos até não agrada a ninguém e dá a impressão de pouco assas. Mas, quantas vezes o motivo é a pele, que não admite a lâmina senão de dias a dias: um martírio!

Pois bem: faça a barba e aplique Glycol — o ideal da pele — só Glycol, e verá co o obtém resultados maravilhosos e pode barbear-se todos os dias.

A venda nas principais casas da especialidade e boas farmácias.

Deposítários gerais: Ventura d'Almeida & Pena, rua do Guarda-Mór 20, 3.º esq. (a Santos), Lisboa.

Enviamos amostras contra 480 em selos do correio, nome e morada.

S. A. D. melhorando para 3 m. 22,4 s. o «record» dos 200 metros-livres, principiantes.

Igualmente dignos de menção os resultados alcançados por Hety Heyman nos 100 metros-costas (1 m. 30,9 s.), por Maria Fernanda Ferreira, nos 66 metros-costas, meninas (1 m. 9 s.), e por Maria de Lourdes Teixeira Mendes, nos 100 metros-bruços, principiantes (1 m. 57,6 s.).

Nas catorze provas disputadas, os títulos ficaram distribuídos do modo seguinte: Estoril 8, Algés 4, Belenenses e Alhandra uma cada.

— «FLECHA»
é a melhor bicicleta

A equipa de honra

do BELENENSES

vai ser alvo de uma homenagem

Por iniciativa dos associados do popular Belenenses que constituem o corpo redactorial do Boletim do clube, efectua-se amanhã um grande banquete de homenagem aos componentes da categoria de honra de «basketball» do Belenenses, que arrebataram esta época as vitórias dos mais importantes torneios da modalidade: campeões de Lisboa e de Portugal, vencedores da «Taça de Honra» e do «Torneio dos Oito» e bem assim de outras competições nas quais participaram, como os torneios do Campo de Ourique e do Queluz A. C.

As inscrições podem ainda ser feitas na sede do clube, rua da Junqueira 534, na rua Barros Queiroz 37 e nas Escadinhas do Duque 43.

A nossa revista associar-se-á a esta justa homenagem publicando brevemente, como anunciámos, uma separata a cores com a fotografia dos campeões nacionais de «basket».

XADREZ

(Continuação da pág. 6)

finalis permitiu que o Paladium o ultrapassasse, com resultados realmente inesperados ao defrontar os mais fortes adversários. Foi esta a equipa que comprometeu, na penúltima sessão, as aspirações do Belenenses.

A classificação final foi a seguinte:

1.º—G. X. do Estoril, 21,5 pontos; 2.º—Belenenses, 20; 3.º—Hockey, 14,5; 4.º—Benfica, 14; 5.º—Técnico, 13,5; 6.º—Cedoures, 11; 7.º—Paladium, 9; 8.º—I. Britânico, 8,5.

Os melhores resultados individuais:

1.º—Peter Braumann (Belenenses), 7 pontos (100%); 2.º—Freltas (Técnico) e Nandin, 6 (85%); 4.º—Machado, 5 (83%); 5.º—Moura, 5,5 (78%); todos do Estoril; 6.º—Lupi (Belenenses) e Russell, (Benfica), 5 (71%); 8.º—Ribeiro (Belenenses) e Lavigne (Hockey), 4,5 (64%); 10.—Silley (Estoril) e Baltazar (Paladium), 3,5 (69%); 12.º—Vingre (Hockey) e Falcao (Técnico), 4 (57%).

Um «rink» de patinagem

(Continuação da página 7)

melhoramento que projectamos, tanto mais que à frente do seu Município está o conhecido desportista olímpico sr. Dario Canas. Procedendo assim, a Câmara de Loures seguirá o exemplo de dezenas de outras Câmaras. Bem perto, em Vila Franca de Xira, o campo do Operário é um facto graças ao auxílio da respectiva edilidade.

— Há já trabalhos efectuados para o «rink»?

— Existe já um projecto, da autoria do sr. Octávio Ferreira. Foram dados os primeiros passos para a sua aprovação e estou certo de que na Câmara Municipal de Loures só encontraremos facilidades. Procedendo assim, caminharemos dentro da directriz que, salvas as proporções, dotou Lisboa de um espendido estádio. O resto chegará a seu tempo, sabido que «Roma e Pavia não se fizeram num dia»...

(Continuação da página 2)

que o Sangalhos põe de pé, há algumas épocas, com carinho e entusiasmo dignos dos melhores loayores.

Desta feita, o Circuito esteve valorizado com a participação dos corredores marroquinos Driss, Mahomed e Djillali, que tãõ bom comportamento tiveram no «Circuito de Oesten».

Com uma primeira etapa curta e de percurso que não é muito acidentado, Eduardo Lopes, mantendo a sua boa «forma», venceu com relativa facilidade em lote de 20 corredores, que chegaram juntos ao final da tirada, entre os quais estavam os seus mais perigosos adversários: João Lourenço e o grande «sprinter» portuense Jorge Moreira.

O tempo do vencedor e de todos os corredores do primeiro pelotão — 2 h. 23 m. para os 90 quilómetros da tirada — é excelente.

Na segunda etapa voltaram os corredores a chegar agrupados a Sangalhos, apesar de ter havido durante o percurso algumas tentativas de fuga. João Lourenço levou a melhor, vencendo Jorge Pereira, Driss, Rebelo e Aristides, classificados por esta ordem.

Eduardo Lopes, afastado do primeiro pelotão por avaria, não pôde manter a vantagem que obtivera na etapa da manhã, chegando atrás de Mourão e Faísca.

De novo a média horária na segunda tirada é aceitável: 3 h. e 4 m. para 103 quilómetros.

Vitória do Sporting, por equipas, seguido do D. Iluminante, Lisgás, Sangalhos e Académico.

Espanha venceu em Moscavide

Possaindo equipa mais numerosa e também mais homogênea, o D. Iluminante ganhou a prova individualmente e por equipas, numa demonstração de superioridade que até os próprios adversários se apressaram a reconhecer.

Boa e simpática réplica dos rapazes do Arroios, dentro, é claro, das suas possibilidades, e infeliz exhibição dos representantes do Benfica — equipa que necessita ser melhorada, dentro das características por que é actualmente regida ou de outras que os seus dirigentes julgarem convenientes.

Tempo do vencedor, e de José Jacinto, Amândio e Domingos Jacinto, classificados por esta ordem: 2 h. 14 m.

GIL MOREIRA

Assine a STADIUM

Ano III — II Série — N.º 139
Lisboa, 1 de Agosto de 1945

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:
Dr. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

Redacção e Administração

T. Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

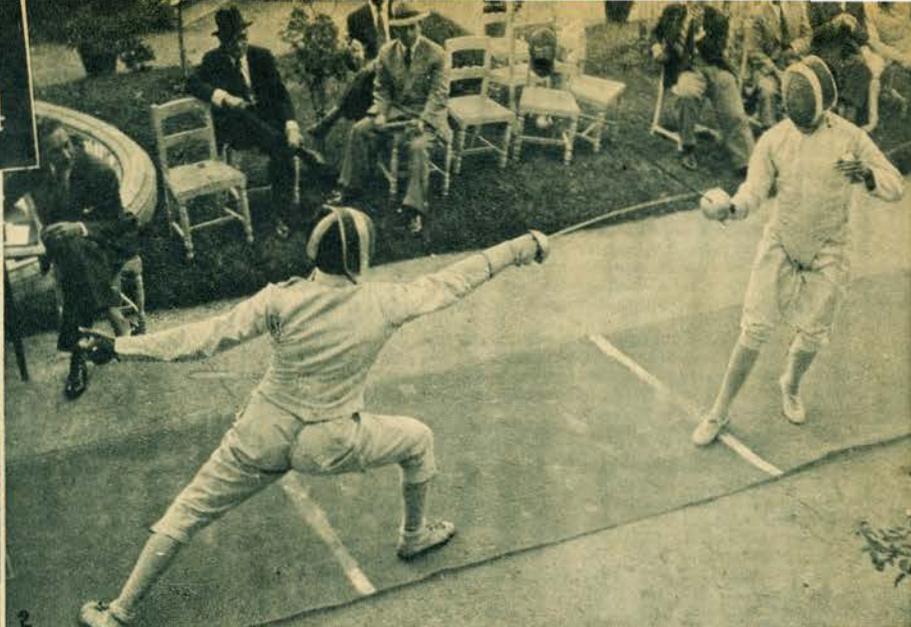
Telefone 51146 — LISBOA

Execução gráfica de
NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Stadium

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



ESGRIMA—Na disputa da taça «Mestre António Martins»: 1—Agostoni, atirador olimpico italiano, executa um «carrete»; 2—O mesmo espadista num ataque. **TENNIS**: 3—Os jogadores do Sporting e do Internacional que disputaram a eliminatória da zona sul para o Campeonato de Portugal. **VELA**—Os velejadores portugueses seleccionados para o Portugal-Espanha: 4—A. Condé, C. Mota Jr., J. Barata, C. Bircos, A. Alves, N. Araújo e C. Mota Neto; 5—A. Silva, J. Plácido, E. Rothes, R. Salgueiro, L. Capitão, V. Soares, J. Krohn e G. Azevedo, secretário da classe «andorinhas». **CICLISMO**—No festival do Lumiar: 6—A equipa marroquina ao ser içada a sua bandeira; 7—Emídio Pereira, do Sporting, campeão de velocidade em inícios; 8—Onofre Tavares, do F. C. Porto, vencedor do «cricério» para amadores.

